BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p. 1/102

CERT: 0086

PÁG: 003

LIV: 001

101

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

TÍTULO DA PEÇA: "A VOLTA AO LAR"

	DISTRIBUIÇÃO
AUTOR DA PEÇA: "HAROLD PINTER"	
TRADUÇÃO DE : "MILLÔR FERNANDES	
PROTOCOLOS:	
00638/68-DCDP	
09960/68-DFSP	
00195/68-DFSP	

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p.2

fls 1

Ilmo. Snr. Diretor do Serviço de Censura Federal, no Estado da Guanabara.

Aos Censores Guilherme Vargas e Walter Mello p/ leitura e ensaio geral / Em 18.3.67 Chefe da ACF-DPF-DR/GB

TORRES E BRITTO PRODUÇÕES DE CENA LTDA., vem por intermédio de seu representante abaixo assinado, pedir à V. S. se digne mandar censurar a peça "A VOLTA AO LAR" (The Homecoming), de Harold Pinter, na tradução de Millor Fernandes e direção de Fernando Torres. A peça deverá ser encenada no Teatro Glaucio Gill (antigo Teatro da Praça).

Nestes termos
Pede deferimento
Rio de Janeiro, 15 de março de 1967

Fernandes

S. C. D. P.
DFSP - DR - GB
PROCESSO Nº 584
DATA 16/3/67
ASSINATURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p.3

(2)

P A R E C E R

"A VOLTA AO LAR"

(Homecoming)

O teatrólogo inglês Harold Pinter construiu um drama doméstico dentro de uma lógica do instinto, de impulsos sem contrôle, enquanto desafia as normas da família e da sociedade.

A linguagem não é o principal interêsse da obra, mas, simplesmente, o contato que faz funcionar a ação. Se fôsse possível dimensionar os sentimentos humanos ou submetê-los a um esquema apriorístico, então a palavra seria importante para conceituar uma peça teatral através do diálogo. Sucede, porém, que, na obra de Pinter, o importante é a exposição crúa de situações que fogem ao convencional. O entrecho explode em vida como si o homem já estivesse totalmente despojado de todos os vínculos que o prendem à moral estabelecida e à própria estrutura da sociedade organizada.

A figura de Max, personagem central, poderá ser definida como do "herói sem caráter", e, assim, êle transita no cenário como si fôsse um inocente diante das coisas e dos fatos que julga naturalíssimos, como o incesto, a prostituição, as aberrações sexuais, a promiscuidade do amor, e tudo isso sem estar deliberadamente conspirando contra o direito de costumes da Inglaterra. A palavra é, pois, o instrumento de comunicação natural dessa atitude diante de uma faceta da vida. Não importa que ela seja rude, capaz de ferir aqueles que não estão dentro da essência das coisas. Uma vez, entretanto, integrados na ação dramática, diga-se de passagem, de grande audácia, os espectadores poderão sentir a naturalidade das expressões extravasadas pelos personagens. Existe, é claro, um problema de idioma. Termos violentos em português talvez tragam maior carga de obcenidade do que no seu original inglês, muito mais limitado em suas expressões verbais. No entanto, o que mais se destaca na peça de Pinter é o amoralismo tácitamente declarado em que cinco personagens se ferem entre o ódio, o amor, a sobrevivência, sobrepujando até mesmo os mais primitivos instintos de posse e de organização familiar.

Não importa a Teddy, o marido de Ruth, que sua esposa seja usada pelo pai e seus irmãos. A concepção de determinismo do autor leva Ruth a ceder sem reação.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0020, p.4

M. J. N. I. — D. F. S. P. — DELEGACIA REGIONAL — GB

Após um confronto com o original em inglês e a tradução de Millor Fernandes e pressentindo a consciência profissional do elenco responsável pelo nível do espetáculo, julgo que a peça de Harold Pinter possa ser representada no Brasil, como já o foi em outros países aos quais estamos vinculados pelos mesmos princípios de arte, cultura, hereditariedade, educação e meio social. Creio que algumas das expressões serão eliminadas no decorrer dos ensaios, quando, então, a censura estará presente, e que se proíba o espetáculo para menores até 18 anos.

Em 21 de Março de 1967

Marina de Mello Ferreira

Marina de Mello Ferreira
Chefe da T.C.-DR/GB
D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p.5

Retorno ao Lar Autor: Harold Pinter

O que encerra, traduz e transmite já foi objeto de minucioso estudo focalizado no parecer do Censor Marina de Mello Ferreira.

Seu enredo de uma autenticidade realista traduz em certos trechos, na dureza dos seus diálogos, todo o drama que encerra aquela história.

Uma entrevista preliminar com o diretor responsável pelo espetáculo serviu para ser conhecida a linha a ser imprimida aos personagens independente de ocasionais mudanças até a montagem final do espetáculo.

O ensaio geral servirá para ser aquilatado o equilibrio texto/montagem/representação.

S.M.J.

Em 29 de Março de 1967

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p.6

(5)

M. J N. I. — D. F. S. P. — DELEGACIA REGIONAL — GB

ILMO. SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
N E S T A

P A R E C E R

A VOLTA AO LAR

A peça, de autoria do norte-americano Harold Pinter e presentemente em cena em Nova Iorque, Londres e Paris, conta a estória de um açougueiro londrino, viúvo e aposentado, que vive em companhia de dois de seus três filhos, ambos solteiros, além de um irmão também celibatário. Seu modus vivendi é modificado pela volta do lar de um terceiro filho que, em companhia de sua jovem espôsa, resolve passar uma tenporada de féri,s na casa paterna. Ruth, a jovem e exuberante nora, tráz para o velho Max o retôrno de sua Jessie, prostituta e leviana; é o fantasma dos tempos idos que desenterra uma série de fenômenos psico-sociais na pequena coletividade. E Teddy voltará sòzinho para os EE. UU. e agenciará turistas velhos e ricos para a família.

De grande conteúdo psicológico, " A Volta ao Lar", de mensagem e texto fortes, sòmente deve ser assistida por um público adulto. Algumas de suas expressões mais fortes devem ser modificadas ou mesmo cortadas, ficando qualquer definição sôbre o assunto ser adotada após assistirmos o seu ensaio.

Dezoito anos, com alguns cortes, é o nosso parecer sôbre a peça em tela.

Guilherme de Sena Varjão

384/67

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p. 7

6

Ilmo. Snr. Diretor do Serviço de Censura Federal

Aos Censores,
p/ dizer se estão de
acôrdo / Em 2/6/67
[illegible]
Chefe da SCF-DPF-
DR/GB

TORRES E BRITTO PRODUÇÕES DE CENA LTDA., vem por intermédio de seu representante abaixo assinado, pedir à V. S. sedigne mandarcensurar a peça "A VOLTA AO LAR" (The Homecoming"), de Harold Pinter na tradução de Millor Fernandes, que deverá ser levada em cena no TEATRO GLAUCIO GILL" no dia 8 de junho corrente às 21,30 Horas.

Outrossim, pedimos que o espetáculo para a censura seja no dia 6 do corrente às 21 horas.

Nestes termos
Pede deferimento
Rio de Janeiro, 2 de junho de 1967

Leni Fernandes

De acordo
06/06/67
[illegible]

. C. D. P.
DFSP — DR — GB
PROTOCOLO N.o 4946
DATA 02/06/1967
[illegible]
ASSINATURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p.8

M.J. N.I. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DELEGACIA REGIONAL - GUANABARA

SEÇÃO DE CENSURA FEDERAL

TÍTULO DA PEÇA " A VOLTA AO LAR "

AUTOR HAROLD PINTER

TRADUTOR MILLOR FERNANDES

ADAPTAÇÃO

DIRETOR FERNANDO TÔRRES

PRODUTOR TORRES E BRITO PRODUÇÕES DE CENA LTDA.

TEATRO DA PRAÇA

ESTRÉIA MARCADA PARA EM

DATA DO ENSAIO GERAL 6/6/67

PARECER SÔBRE O TEXTO : Em um bairro proletário de Londres Max, açougueiro aposentado, viúvo de uma prostituta, vive uma existência moral e psiquíca miserável, juntamente com dois de seus três filhos e, ainda, com um irmgão solteirão. O padrão de comportamento de tal coletividade é quebrado com a visita do terceiro filho que, vindo dos EE. UU., onde leciona filosofia, tráz em sua companhia a espôsa, ainda desconhecida para os demais. Esta, absorvendo ràpidamente a vivência ambiente, a êles se amalga.

Peça eminentemente para adultos e portadora de profundo conteúdo simbólico, sob o ponto-de-vista psicológico.

OBSERVAÇÕES SÔBRE O ENSAIO GERAL : Substituir as expressões "cú", onde houverem, por "rabo" - Suprimir a palavra "cagalhão" - Diminuir a intensidade da cena amorosa no sofá.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA : Imprópria para menores de dezoito anos, respeitadas as restrições acima citadas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p. 9

(8)

M.J.N.I. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DELEGACIA REGIONAL - GUANABARA

SEÇÃO DE CENSURA FEDERAL

TÍTULO DA PEÇA Volta ao Lar

AUTOR Harold Pinter

TRADUTOR Milor Fernandes

ADAPTADOR

DIRETOR Fernando Torres

PRODUTOR " "

TEATRO Praça Elenco: Fernanda Montenegro - Zimbiski - Paulo Padilha - Sergio Brito - Delorges Caminha

ENSAIADO EM

DATA DO ENSAIO GERAL Lº ensaio dia 1/06/67 2º ensaio dia 06.06.67

PARECER SÔBRE O TEXTO: Em aditamento a informação anterior tenho a acrescentar, após assitir dois ensaios da peça em questão, que sua aprovação para o 17 elenco supra citado com a restrição de proibida para menores até 18 anos e para televisão deve ser condicionada a modificação da "fala" de Leni quando contando um caso passado com uma velhota declara que a mesma devia enfiar o rolo no cú

Acho, s.m.j., qua a palavra grifada esta mal empregada visto ser o termo correto e usual a palavra RABO.

Em 07.06.67

Walter Lima

OBSERVAÇÕES SÔBRE O ENSAIO GERAL:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0180, p 10

(9)

M. J. N. I. — D. F. S. P. — DELEGACIA REGIONAL — GB

PARECER

A ausência do sentido convencional de moralidade dêste estranho drama doméstico, justifica a liberdade de linguagem que aparece, no decorrer de "A VOLTA AO LAR", como o instrumento de comunicação natural entre os personagens que integram a família do açougueiro, viúvo de uma prostituta. Muito mais importantes são as situações e os conflitos criados pelo autor para definir um clima de sensibilidade instintiva, peculiar em cada tipo e, ao mesmo tempo, ligados, definitivamente, pela mesma herança de família.

Depois da apresentação do espetáculo completo de "A VOLTA AO LAR", em ensaio geral para a censura, mantenho a proibição para menores até 18 anos, de acôrdo com o parecer anteriormente emitido por mim, em 21 de Março.

O original de Harold Pinter, respeitado em todos os países altamente civilizados, como criação artística de valor definido, sou de opinião que, também, deva ser representado, em sua versão integral, nos principais centros culturais do Brasil.

Em 7 de Junho de 1967

Marina M. Ferreira

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p-11

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA REGIONAL - GB

DESPACHO

MEM.º Nº
Data

Junte-se ao processo e arquive-se. 2/10/67

Do
Para
Assunto:

Não aceita desta Chefia, em princípio, o uso da chamada linguagem pesada nos espetáculos teatrais.

2. É obrigada, porém, no presente caso, a atender às ponderações que fazem os três Censores nos respectivos pareceres, todos êles aprovando a peça, depois de lerem o texto e assistirem

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p-12

(11)

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA REGIONAL - GB

MEM.º N.º
Data

Do
Para
Assunto: ao censor geral, com a classificação de "proibida para menores até 18 anos e para televisão."

3. Nesta oportunidade, lembro aos Censores que a decisão da Censura só deverá ser dada aos interessados aqui, evitando-se assim uma série de problemas, discussões com

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p-13

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA REGIONAL - GB

MEM.º N.º
Data

Do
Para
Assunto: empresários, crítica da imprensa etc.

H. Lembro, ainda, que a orientação do Senhor Chefe do S.C.D.P. é no sentido de que as peças sejam desinfetadas de certo palavreado e que assim devemos agir, doravante, inclusive porque o certificado que expedimos deverá valer para todo o

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p. 14

(13)

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA REGIONAL - GB

MEM.º N.º
Data

Do
Para
Assunto:

território nacional, o que
não me permito fazer
em relação à peça em
exame que, a meu ver,
só poderá ser representa-
da, como está escrita, no
Rio e em São Paulo. Espe-
cifica-se, pois, certificado
com um ano de validade
e apenas para a guana-
bara, para evitar proble-
mas à Censura Federal
nos demais Estados.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p. 15

14

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA REGIONAL - GB

MEM.º N.º
Data

Do
Para
Assunto: A classificação é óbvia: proibida para menores até 18 anos e para televisão.

Em 8.7.1967

Chefe da A.C.F. - D.P.F. - DRPGB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.16

(15) (22)

Brasília, 29 de janeiro de 1968

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura e Diversoẽs
Públicas do Departamento de Polícia Federal

R. 86/68

Senhor Chefe,

O abaixo assinado FERNANDO MONTEIRO TORRES, diretor da Companhia de Teatro TÔRRES E BRITO PRODUÇOES DE CENA LTDA, vem por meio desta solicitar a V.S. que se digne a apreciar para fins de revalidação de certificado de censura do texto "A VOLTA AO LAR" (The Homecoming) de HAROLD PINTER, em tradução de MILLOR FERNANDES.

Esclareço a V.S. que o referido texto obteve o Certificado de Registro nº 080-GB sendo proibida para menores de 18 anos e para a televisão, de 24 de julho de 1967, tendo sido representada no Teatro Glaucio Gill, sob os auspícios do Serviço de Teatros do Estado da Guanabara e no Teatro Mesbla, ambos no Estado da Guanabara durante uma temporada de quatro mêses.

O referido pedido, que ora encaminho a V.S., é determinado em face da temporada que pretendo iniciar entre 8 e 10 de março próximo, no Teatro Maria Della Costa, na cidade de São Paulo.

Anexo a presente solicitação cópias do texto e o Certificado de Censura exarado por vossa repartição.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V.S. os protestos decestima e apreço,

Atenciosamente,

FERNANDO MONTEIRO TORRES

Recebi
21/2/68

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo nº 638
Em 30 / 01 / 1968

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em ____ de _____ de 19____

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p. 17

Ao senhor Carlos.
Lúcio para examinar.
Em 30/1/68

Em Tempo:

Ao senhor Wilson
Queiroz para
examinar e emitir
parecer.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p.18

Brasília, 29 de janeiro de 1968

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura e Diversões
Públicas do Departamento de Polícia Federal

Senhor Chefe,

O abaixo assinado FERNANDO MONTEIRO TORRES, diretor da Companhia de Teatro TÔRRES E BRITO PRODUÇÕES DE CENA LTDA, vem por meio desta solicitar a V.S. que se digne a apreciar para fins de revalidação de certificado de censura do texto "A VOLTA AO LAR" (The Homecoming) de HAROLD PINTER, em tradução de MILLOR FERNANDES.

Esclareço a V.S. que o referido texto obteve o Certificado de Registro nº 080-GB sendo proibida para menores de 18 anos e para a televisão, de 24 de julho de 1967, tendo sido representada no Teatro Glaucio Gill, sob os auspícios do Serviço de Teatros do Estado da Guanabara e no Teatro Mesbla, ambos no Estado da Guanabara durante uma temporada de quatro mêses.

O referido pedido, que ora encaminho a V.S., é determinado em face da temporada que pretendo iniciar entre 8 e 10 de março próximo, no Teatro Maria Della Costa, na cidade de São Paulo.

Anexo a presente solicitação cópias do texto e o Certificado de Censura exarado por vossa repartição.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V.S. os protestos de estima e apreço,

Atenciosamente,

FERNANDO MONTEIRO TORRES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p.19

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TEATRO

17 GB

N.º DE REGISTRO 080-GB

TÍTULO DA PEÇA XXXXXX DA PEÇA - VOLTA AO LAR

PRODUTOR XXXXXXX AUTOR - HAROLD PINTER

Aprovado pelo S. C. D. P. (§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46, e Decreto 1.134, de 4-6-62)

PROIBIDO PARA MENORES ATÉ 18 ANOS E PARA TELEVISÃO

Válido até 24 de JULHO de 19 68

Brasília, 24 de JULHO de 19 67

Chefe do S. C. D. P.
A. ROMERO LAGO

Certificado de Censura Cinematográfica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p. 20

CERTIFICADO N.º 080-GB

PEÇAS TEATRAIS

Certifico que, revendo os livros de registro de ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ encontrei sob o n.º 080-GB, livro 01, o registro DA ~~fxxxx~~ PE denominada " VOLTA AO LAR " (THE HOMECOMING)

propriedade de TORRES E BRITTO PRODUÇÕES DE CENA LTDA.

domiciliado à

p~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ TRADUTOR - MILOR FERNANDES

com .... metros e 01 cópias, censurado em 24 de JULHO de 19 67.

O Serviço de Censura de Diversões Públicas resolveu que a re~~xxxxxxxxxx~~ PE de acôrdo com o d~~xxxxxxxxxxxx~~ ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ ITEM 7, PARÀGRAFO 1º DA PORTARIA Nº SCDP-11/67, FÔSSE LEBERADA COM A PROIBIÇÃO PARA MENORES ATÉ 18 ANOS E PARA TELEVISÃO, PARA REPRESENTAÇÃO, APENAS, PARA O ESTADO DA GUANABARA, DE ACÔRDO COM OS PARECERES DOS CENSORES.

ESTADO DA GUANABARA

~~xxxxxxxxx~~ 24 de JULHO de 19 67

Secretário

JOSÉ LEITE OTTATI

CHEFE DA SCF=DR=DPF

Departamento de Imprensa Nacional — 21.935

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p.21

18

TORRES E BRITTO PRODUÇÕES DE CENA LTDA.

A V O L T A A O L A R

De HAROLD PINTER

Tradução de MILLOR FERNANDES

Direção de FERNANDO TORRES

FERNANDA MONTENEGRO

SERGIO BRITTO

e outros

PERSONAGENS

LENNY

MAX

SAM

JOEY

TEDDY

RUTH

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p 22

A VOLTA AO LAR

19

Uma casa velha na zona norte de Londres.

Um aposento bem amplo, tomando tôda a extensão do palco. A parede ao fundo, que deveria ter uma porta, foi removida. Ficou apenas um arco de linhas retas. Por trás do arco, o hall. No hall, uma escada subindo para a esquerda, alta; bem à vista. Porta da frente à direita alta. Um cabide para capotes, etc.

Uma janela, à direita. Mesas desirmanadas, cadeiras. Duas grandes poltronas. Um sofá, também grande, à esquerda. Contra a parede da direita, um grande aparador, na parte superior do qual há um espêlho.

Na esquerda alta um aparêlho combinado de rádio e vitrola.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p.23

A T O I

ANOITECER

LENNY ESTÁ SENTADO NO SOFÁ LENDO O JORNAL, LÁPIS NA MÃO. USA UM TERNO ESCURO. DE VEZ EM QUANDO, ANOTA QUALQUER COISA NO JORNAL.
MAX ENTRA, VINDO DA COZINHA. VAI À APARADEIRA, ABRE UMA GAVETA, REMEXE LÁ DENTRO, FECHA.
USA UM VELHO CARDIGAN, BONÉ, BENGALA. AVANÇA ATÉ A FRENTE DO PALCO, OLHA EM VOLTA.

MAX - O que é que você fêz com a tesoura? (PAUSA) Eu disse que estou procurando a tesoura. O que é que você fêz com ela? (PAUSA) Não ouviu não? Quero cortar um negócio no jornal.

LENNY - Eu estou lendo o jornal.

MAX - Não é dêsse. Êsse daí eu nem lí. Estou falando no jornal do domingo passado. Tava dando uma olhada nêle lá na cozinha. (PAUSA) Não está ouvindo o que eu estou falando? Estou falando com você! Onde é que meteu a tesoura?

LENNY - (LEVANTANDO A CABEÇA, CALMAMENTE) -Por que você não cala essa bôca, hein, ô puto velho?

(MAX LEVANTA A BENGALA E APONTA-A PRA ÊLE)

MAX - Não fala assim comigo. Estou te avisando.
(SENTA NA POLTRONA GRANDE)
O jornal está anunciando coletes de flanela, quase de graça. É no depósito da Marinha. E eu bem que estou precisando.(PAUSA. FAZ GESTO DE FUMAR). Dá um prá mim aí, vai. Me dá uma fumaça. (PAUSA).
Eu te pedi um cigarro, não vai dar não? (TIRA UM CIGARRO AMASSADO DO BÔLSO)-Então eu me viro aqui com êsse mesmo. (PAUSA)-Estou ficando velho, palavra de honra.(ACENDE O CIGARRO)-Você acha que eu nunca fui moço, não é não? Fui môço e espalha brasa, rapaz. Topava qualquer parada. Ainda sou forte, mas pergunta ao teu tio Sam como é que eu era. Podia com dois de você. Mas ao mesmo tempo sempre tive um

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p.24

coração mole. Sempre. (PAUSA) -Eu costumava andar noite e dia junto com um camarada chamado MacGregor. Eu chamava êle de Mac. Você se lembra dêle, Mac? Ahn, lembra? (PAUSA) Huuuu! Nós dois éramos os caras mais odiados aqui da Zona Norte de Londres. Se não acredita eu ainda posso te mostrar umas cicatrizes. Quando entrávamos num lugar, todo mundo se levantava, abria alas pra nós dois passar. Você nunca ouviu um silêncio assim na tua vida. Também não era mole não, o cara era grande pra caramba, tinha quase um e noventa. A família dêle era tôda de MacGregores, vieram todos da Escócia, mas só êle a gente chamava de Mac. (PAUSA) Êle gostava muito da tua mãe. Muito mesmo. Tinha sempre uma palavrinha carinhosa pra ela (PAUSA) Eu vou te dizer, hein, não era uma mulher ruim não. Me dava vontade de vomitar só ter que olhar a pôrra daquela cara dela tôda esculhambada, mas não era uma puta lá tão ruim assim, não. Dei a ela o sangue quente da minha mocidade, foi o que eu dei a ela - a coisa melhor que a gente tem na vida.

LENNY - Quer desligar a tomada, por favor, que eu estou lendo o jornal, ô escrôto de merda?

MAX - Escuta aqui! Eu te quebro a espinha se você me falar mais dêsse jeito! Está me ouvindo bem? Não se fala assim a um pai, mesmo quando êsse pai é um escrôto de merda.

LENNY - Quer uma informação de cocheira: você tá gagá há muito tempo. (PAUSA) O que é que você acha de Vento Sul no segundo páreo?

MAX - Onde?

LENNY - No Derby de Sandow Park.

MAX - Não dá pra saída.

LENNY - Besteira sua. Um cavalão!

MAX - Não dá pra saída.

LENNY - Vencedor fácil (BATE NO JORNAL, AGITA-O NA CARA DO VELHO)

MAX - (FALANDO PARA UMA AUDIÊNCIA INVISÍVEL) -Agora quer me ensinar sôbre cavalos. (PAUSA) -Eu costumava dormir na pista. Uma das paixões da minha vida. Epsom? Conheço Epsom

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.25

como a palma da minha mão. Eu era a cara mais manjada do pádoque. Vida ao ar livre - isso é que é vida. (PAUSA) Vem falar de cavalo comigo! Você conhece cavalo de ler o nome no jornal. Mas eu alisei a crina dêles em pessoa, ia pra lá, ficava segurando as rédeas, acalmei muito campeão nervoso antes de um grande páreo. Era a mim que todo mundo chamava em qualquer dificuldade. "Max" - me diziam - "tem êsse cavalo aqui, tá que é um nervo só, vê se acalma êle". Chiii, me cansei de ouvir isso. Eu tinha um... tinha uma afinidade instintiva com os animais. Eu devia ter sido treinador. Me ofereceram pra ser isso, muitas vêzes, mas não estou falando ofereceram, assim por falar... Não, um emprêgo direito mesmo. Quem me ofereceu foi o duque de... Como é mesmo? Esqueço o nome! Um dêsses duques. Mas tinha os meus compromissos em casa, os meus deveres para com a família. (PAUSA) -Nem tem conta as vêzes que assisti os animais trovejando pelo poste de chegada! Que emoção. E sabe mais, eu não perdia nos cavalos não, até que fiz um bom dinheirinho com êles, e por que? Pergunta por que? Porque eu sempre distingui o cheiro de um bom cavalo. Era só abrir as narinas (FUNGA) e eu sabia. E não conhecia só os cavalos - as éguas também. As éguas são mais nervosas do que os cavalos e por isso a gente não pode garantir tanto o comportamento delas, você disso não sabia. Como, vai me dizer que sabia? Aqui que sabia. Agora eu sim; tinha um truque pra saber se a égua era boa. Olhava ela no ôlho, manjou? Eu ficava em frente dela, olhava firme no ôlho dela, assim uma espécie de hipnotismo e pela resposta que ela me dava eu podia dizer se era um animal de ir até o fim ou se era uma dessas que entrega os pontos no meio da raia. Um dom! Eu tinha êsse dom! (PAUSA) E êle vem me falar de cavalo!

LENNY - Você se importa se eu mudar de assunto? (PAUSA)-Quero te perguntar uma coisa. Essa comida que nós comemos, como é mesmo o nome dela? Como é que você chama essa comida? (PAUSA)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p.26

Por que que você não compra um cachorro? Você cozinha bem pra cachorro. Verdade. Você acha que está cozinhando prum bando de viralatas.

MAX - Quem não gosta que se mude!

LENNY - Vou pensar nisso. Por enquanto vou sair e ver se janto alguma coisa para tirar o gôsto dêsse teu jantar.

MAX - Vai logo! Que é que está esperando? (LENNY O OLHA)

LENNY - O que é que você disse?

MAX - Eu disse, vomita, bota pra fora, foi o que eu disse.

LENNY - Primeiro eu boto você pra fora, paizinho, se continuar a me falar nêsse tom.

MAX - E você lá tem coragem, viado? (SEGURA A BENGALA COM FÔRÇA)

LENNY - Ah, paizinho, não vai usar essa bengala em mim, vai? Ahn? Não usa a bengala em mim, papai. Não usa, por favor. A culpa não é minha, papai, a culpa é da educação que me deram. Agora vem o senhor querer me consertar com a sua bengala, paizinho.

(SILÊNCIO. MAX ESTÁ CURVADO. LENNY LÊ O JORNAL. SAM ENTRA PELA PORTA DA FRENTE. VESTE UNIFORME DE CHOFER. PENDURA O BONÉ NUM CABIDE DO HALL E ENTRA NO APOSENTO. PEGA UMA CADEIRA, SENTA E SUSPIRA). - Olá, tio Sam.

SAM - Que é que há?

LENNY - Você está bom, titio?

SAM - Estou. Um pouco cansado.

LENNY - Cansado? Ah, é! Por onde é que andou hoje?

SAM - No aeroporto de Londres.

LENNY - Ôba, foi puxado, então, hein? Foi por onde, pegou a A4?

SAM - A A4, é. Fui por ela a vida tôda.

LENNY - Tch, etch, etch, etch, tch. Acho que você tem direito a um bom descanso, tio. Não é mole!

SAM - O pior são os engarrafamentos.

LENNY - Pois é. Estou falando disso. O pior são os engarrafamentos.

SAM - Liquidam com os nervos (PAUSA)

MAX - Eu também estou aqui, você notou? (SAM O OLHA)
Eu também estou aqui. Sentado aqui, é!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p.27

SAM - Estou vendo.

LENNY - Acho que são êsses cruzamentos, não é titio? A A4 tem cruzamentos pra burro. Êles têm que acabar é com isso.

SAM - Acabar como? Não podem.

LENNY - Não podem o que? Se não podem a estrada um dia entope pra sempre, do jeito que vai.

SAM - Ué, os carros que estão de um lado tem que passar pro outro, não têm? Como é que vão fazer isso - voando? Não, cruzando a A4.

LENNY - Não seja bôbo, titio. Que dizer, não seja tão bôbo, tá bem? Basta êles construirem viadutos e passagens subterrâneas. Só isso. Como na Califórnia.

MAX - O que é que você entende de Califórnia?

LENNY - Desculpa, papai, quer repetir? Eu não peguei bem essa.

MAX - O que é que você entende de Califórnia?

LENNY - Bem, entendo um pouquinho mais do que o senhor, não acha? (PAUSA)

SAM - O meu serviço hoje foi com um americano... levei-o ao aeroporto.

LENNY - Ah, um americano, é?

SAM - Foi, me contratou por dia todo. Peguei-o no Savey às onze e meia, levei pra almoçar no Capricho. Depois do almôço rodamos até a praça de Eaton - êle foi lá visitar um amigo-e na hora do chá tornei a apanhá-lo e fomos embora.

LENNY - Êle foi pegar um avião ou esperar alguém?

SAM - Pegar um avião. Olha o que êle me deu. Uma caixa de charutos. (TIRA A CAIXA DO BÔLSO).

MAX - Mostra bem. Deixa a gente dar uma olhada (SAM MOSTRA OS CHARUTOS A MAX. MAX TIRA UM DA CAIXA, BELISCA-O E CHEIRA-O) -Um belo charuto!

SAM - Quer experimentar um? (MAX E SAM ACENDEM CHARUTOS). Sabe o que êle me disse? Me disse que eu era o melhor chofer que tinha conhecido em tôda a vida. O melhor de todos.

MAX - De que ponto de vista?

SAM - Ahn?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p.28

MAX - De que ponto de vista?

LENNY - Do ponto de vista de guiar automóvel, papai, e de um sentimento geral de cortesia característico do seu irmão, aqui, não é titio?

MAX - Achou que você era um bom chofer, é mesmo, Sam? E aí te deu essa caixa de charutos.

SAM - Achou que eu era o melhor chofer que êle já tinha visto. Todos dizem isso, você sabe. Não querem andar com mais ninguém, só mandam chamar a mim. Dizem que sou o melhor chofer da firma.

LENNY - Mas isso deve deixar os outros choferes todos com uma inveja danada, não deixa não tio?

SAM - Se deixa! Ficam danados da vida.

MAX - Por que? (PAUSA)

SAM - Eu acabei de dizer.

MAX - É, mas não ficou bem claro, Sam. Por que é que os outros choferes ficam danados da vida?

SAM - Porque (A) eu sou o melhor chofer de todos e (B) porque não tomo liberdades (PAUSA).

Não me imponho às pessoas, você bem sabe. Êssas grandes homens de negócio, pessoas importantes, não gostam de chofer conversa-fiada. Gostam é de ficar sentados lá atrás, sentindo um pouco de paz e tranquilidade enquanto vão pra onde vão. Afinal, quem pode pagar um Humver Super Snipe, tem direito a uma certa tranquilidade. Mas, ao mesmo tempo, e isso é que me bota numa categoria verdadeiramente especial... eu sei onde é que entro com meu jôgo, quando é necessário.(PAUSA). Por exemplo, pra êsse homem hoje eu contei minha participação na Segunda Guerra Mundial. Não na Primeira. Provei que na Primeira eu nem tinha idade. Mas, na Segunda, eu estava lá. (PAUSA) E êle também, como vim a saber. (LENNY SE LEVANTA, VAI AO ESPÊLHO, ENDIREITA A GRAVATA).

LENNY - Com certeza êle foi coronel ou coisa assim, na Fôrça Aérea Americana.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p.29

SAM - Isso mesmo.

LENNY - E, agora, deve ser gerente geral de uma companhia aérea internacional.

SAM - Isso mesmo.

LENNY - Eu conheço a espécie de pessoa de quem você está falando. (SAI, VIRANDO À DIREITA).

SAM - Afinal de contas, eu tenho experiência. Aos dezenove anos já guiava um caminhão da Limpeza Pública. Depois foi a estrada. Anos e anos, levando toneladas pra lá e pra cá. Depois, dez anos como chofer de táxi. E, agora, cinco como motorista particular.

MAX - Engraçado é que você nunca se casou. Um homem com tantas qualidades. (PAUSA) -Não é mesmo? Um homem como você?

SAM - Tem tempo ainda.

MAX - Será que tem? (PAUSA)

SAM - Você ia ficar surpreendido.

MAX - Com que? Você andou metendo em alguma passageira?

SAM - Não eu.

MAX - No banco de trás, ahn? Carrão confortável, o Humber, hein? É só entrar num desviozinho da estrada e a cama está lá a trás prontinha pruma boa bimbada.

SAM - Não eu.

MAX - Agora me diz aqui: como é que você faz com o descanso do braço? Você levanta êle ou serve de apôio pra calçar a mulher?

SAM - Eu nunca fiz essas coisas no meu carro.

MAX - Você está muito acima dessas coisas, não é mesmo, Sam? Falou a absoluta verdade.

Você não se rebaixa a uma boa trepada no banco de tráz, não é mesmo?

SAM - Isso mesmo. Deixo isso pros outros.

MAX - Deixa isso pros outros? Que outros, seu puto impotente?

SAM - Eu não gosto de esculhambação no meu carro! No carro do meu patrão! Como certas pessoas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p. 30

MAX - Que pessoas? Que certas pessoas? (PAUSA) Que certas pessoas? (PAUSA)

SAM - Certas pessoas.
(PAUSA)

MAX - Quando você encontrar uma boa moça, Sam, a mulher que você achar sob medida pra você, traz ela pra família conhecer, tá? Não esquece, e eu vou te oferecer uma despedida formidável, te prometo. Pode até trazer ela pra viver aqui, e em vez de fazer só você feliz, ela faz nós todos felizes. Organizamos um rodízio e cada hora é a vez de um dar uma voltinha nela.

SAM - Minha mulher nunca que ia botar os pés aqui.

MAX - Sam, quem decide é você. Se você trouxer a tua noiva pra cá vai ser muito bem recebido, porque, que diabo, aqui é a tua casa; mas se você preferir alugar pra ela um apartamento de luxo no Dorchester, isso é lá com você. A decisão é tua.

SAM - Besteira. Eu nem tenho noiva. (SAM SE LEVANTA, VAI ATÉ A APARADEIRA, PEGA UMA MAÇÃ E MORDE) -Tou ficando com fome. (OLHA PELA JANELA). -Pelo menos não tenho noiva como você tinha. Nada parecido com a tua noiva... daqueles tempos. Nada com Jéssie. (PAUSA) Afinal eu saí com ela uma ou duas vêzes, não saí? Uma ou duas vêzes dei umas voltas com ela no meu táxi. Uma mulher encantadora! (PAUSA) É claro que ela era tua espôsa. Mesmo assim porém, te digo, foram algumas das noites mais deliciosas da minha vida. Pegava ela e saía com ela de carro por aí. Meu prazer era êsse.

MAX - (DEVAGAR, FECHANDO OS OLHOS) -Cristo!

SAM - Depois a gente saltava num quiosque pra tomar uma xícara de café. Jéssie, que boa companhia. (SILÊNCIO)(Joey entra pela porta da frente. Tira o jaleco, atira-o numa cadeira fica em pé. Silêncio)

JOEY - Tou com uma certa fome.

SAM - Eu também.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.31

Hein?

MAX - Que é que vocês pensam que eu sou? Mãe de vocês? Diz! Entram e saem dia e noite como animais selvagens. Sai por aí e vê se arranja uma mãe pra você.

(LENNY ENTRA, FICA DE PÉ)

JOEY - Eu treinei à bessa na Academia.

SAM - Pois é, o rapaz trabalha o dia todo, depois treina a noite inteira...

MAX - O que é que você quer, seu putão? Você que fica o dia inteiro lá no aeroporto sentado em cima do próprio rabo, porque não aproveita o tempo e compra uma panqueca? Vocês acham que estou aqui só esperando pra ir correndo pra cozinha no momento exato em que botam o pé na soleira da porta. Você já viveu sessenta e três anos, por que não aprendeu a cozinhar?

SAM - Eu sei cozinhar.

MAX - Então vai e cozinha! (PAUSA)

LENNY - Papai, o que os meninos querem é a tua forma pessoal de culinária, papai. É isso que os meninos anseiam, na hora da fome. Essa especial compreensão do problema alimentar, você sabe, que só você tem e mais ninguém.

MAX - Deixa de me chamar de papai. Para imediatamente de me chamar de papai, compreendeu?

LENNY - Ué, mas eu sou teu filho. Você costumava me botar na cama tôda noite. Também não botava você na cama tôda noite Joey? (PAUSA) A coisa que êle mais gostava: botar os filhos na cama (SE VOLTA E CAMINHA EM DIREÇÃO À PORTA)

MAX - Lenny.

LENNY - (SE VIRANDO) -Fala.

MAX - Olha Lenny, meu filho, uma noite dessas eu te dou uma surra que vodê vai me pedir de joelhos pra eu te botar na cama, como antigamente. Grava bem o que eu digo.

(OS DOIS SE ENTREOLHAM. LENNY ABRE A PORTA DA FRENTE E SAI. SILÊNCIO).

JOEY - Hoje eu treinei com Bobby Dodd (PAUSA) E fiz saco também,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0020, p.32

quase uma hora (PAUSA) Minha forma não está nada má.

MAX - O boxe é um esporte de cavalheiros. A nobre arte.(PAUSA). Vou te ensinar o que você tem que fazer. O que você tem que fazer é aprender a se defender e também aprender a atacar. São os teus únicos defeitos como lutador. Não sabe se defender e não sabe atacar.(PAUSA) Assim que aprender essas duas artes, você vai subir logo (PAUSA).

JOEY - Eu tenho uma maneira mais fácil de subir logo, você vai ver. (JOEY PROCURA O CASACO, PEGA-O, SAI DO QUARTO E SOBE AS ESCADAS. PAUSA)

MAX - Sam... por que você não vai embora também, hein? Vai lá pra cima, vai. Me deixa em paz. Me deixa sòzinho.

SAM - Preciso esclarecer uma coisa sôbre Jéssie, Max. Preciso mesmo. Quando eu andava com ela no táxi, passeando na cidade, eu estava era tomando conta dela pra você. Tomava conta dela pra você, enquanto você estava ocupado, você sabia, não sabia? Passeava com ela, mostrava a ela o West-End. (PAUSA) -Você não teria confiado em nenhum dos outros irmãos. Nem teria confiado em Mac, teria? Mas em mim você confiava. Quero te lembrar disso. (PAUSA) O velho Mac morreu há uns anos atrás, não morreu? Morreu ou não morreu? (PAUSA) Era um boquirroto sórdido, velhaco e nojento. Filha da puta, ignorante, viado, imundo; taí um bom amigo teu. (PAUSA)

MAX - Eh, Sam...

SAM - Que é?

MAX - Por que é que eu deixo você ficar aqui? Você não passa de um porco velho.

SAM - Você acha?

MAX - Um maluco!

SAM - É mesmo?

MAX - Assim que você deixar de pagar a tua parte aqui, quero dizer, assim que você ficar velho demais pra pagar a tua parte aqui, sabe o que é que eu vou fazer? Vou te dar um

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p.33

ponta pé no rabo.

SAM - Mas vai é?

MAX - Claro. Fica combinado assim; traz o dinheiro que eu te aguento. Mas quando a firma te botar na rua - eu aqui repito a dose.

SAM - Esta casa é minha também, é bom não esquecer. Era da mamãe.

MAX - Uma desgraça atrás da outra. Uma miséria atrás da outra.

SAM - Antes foi de papai.

MAX - Olha em que é que eu me meti. Uma golfada de pus fedorento atrás da outra. Um cagalhão atrás do outro. (PAUSA). Papai é? Eu me lembro dêle. Não tenha receio. Costumava se levantar de noite e se curvar sôbre mim. Era assim o meu velho. Se curvava em cima de mim, me pegava e me levantava. Eu era dêsse tamanhinho! Aí me ninava. Me dava a mamadeira. Me limpava. Sorria! Batia no meu bum-bum, me jogava de uma mão pra outra. Me jogava pro alto. Me apara va. Me lembro de papai.

BLECAUTE

(AS LUZES SE ACENDEM. NOITE. TEDDY E RUTH ESTÃO NA SOLEIRA DO APOSENTO. AMBOS MUITO BEM VESTIDOS COM ROUPAS LEVES DE VERÃO E CAPAS DE CHUVA TAMBÉM LEVES. TÊM DUAS MALAS JUNTO DÊLES. OLHAM O APOSENTO. TEDDY FICA JOGANDO PARA O ALTO A CHAVE QUE TEM NA MÃO; SORRI;)

TEDDY - Bem, a chave funcionou. (PAUSA) Não mudaram a fechadura. (PAUSA)

RUTH - Não tem ninguém em casa.

TEDDY - (OLHANDO PARA CIMA) Devem estar dormindo (PAUSA).

RUTH - POSSO SENTAR?

TEDDY - Claro.

RUTH - Estou cansada (PAUSA)

TEDDY - Então senta. (ELA NÃO SE MOVE) Essa é a cadeira do papai.

RUTH - Essa aí?

TEDDY - (SORRINDO) Essa aí mesmo. Posso subir pra ver se meu quar

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p.34

to ainda está lá?

RUTH - Você acha que êle foi embora?

TEDDY - Eu falo da mobília. Se a minha cama inda está lá.

RUTH - Pode ter alguém dormindo nela.

TEDDY - Não. Cada um tinha a sua cama (PAUSA)

RUTH - Não é melhor você acordar alguém? Avisar que nós chegamos?

TEDDY - A essa hora da noite? É muito tarde. (PAUSA) Posso subir? (ÊLE VAI ATÉ O HALL, OLHA PRA CIMA, VOLTA). Por que você não senta? (PAUSA) Vou subir um pouco... só uma olhada. (SOBE A ESCADA, PÉ ANTE PÉ. RUTH CONTINUA DE PÉ, LOGO COMEÇA A ANDAR VAGAROSAMENTE PELO APOSENTO. TEDDY VOLTA) Ainda está lá direitinho. Meu quarto. Vazio. A cama está lá. Que é que você está fazendo? (ELA O OLHA) Tem cobertores, mas não tem lençois. Vou ver se encontro algum. Ouvi uns roncos. Estão aí sim. Estão todos lá em cima, roncando. Tá com frio?

RUTH - Não.

TEDDY - Eu preparo alguma coisa pra você beber, se quiser. Alguma coisa quente.

RUTH - Não, não quero nada. (TEDDY ANDA EM VOLTA)

TEDDY - Que é que você acha desta sala? Grande, não? É uma casa enorme. Uma boa sala, você não acha? Não era assim, antigamente. Tinha uma parede alí, com uma porta. Derrubamos a parede, anos atrás. Queríamos um living maior. Mas a estrutura, em princípio, ficou a mesma, se percebe, não? Minha mãe tinha morrido. (RUTH SENTA) Cansada?

RUTH - Um pouco.

TEDDY - Podemos ir pra cama se quiser. Não tem sentido acordar ninguém a esta hora. É melhor ir pra cama. De manhã nós vemos êles... De manhã eu vejo meu pai (PAUSA).

RUTH - Você quer ficar?

TEDDY - Quero ficar? (PAUSA) Mas nós viemos pra ficar. Pretendemos ficar... uns dias.

RUTH - Acho que... as crianças... devem estar sentindo a nossa falta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p-35

TEDDY - Não seja ridícula.

RUTH - Por que, não sentem?

TEDDY - Uns dias só. Voltamos logo. (ANDA EM VOLTA) Nada mudou. Tudo no mesmo. (PAUSA).

Que surprêsa, a do velho, amanhã de manhã, hein? Você vai gostar muito dêle. Vai ver só. Êle é... bem, está velho, naturalmente; acabado. (PAUSA) Foi aqui que eu nasci, sabe lá o que é isso?

RUTH - Sei. (PAUSA)

TEDDY - Por que não vai pra cama? Vou arranjar uns lençois. Me sinto tão... acordado, não é estranho? Vou ficar por aqui ainda um pouco. Está cansada?

RUTH - Não.

TEDDY - Vai pra cama. Eu te mostro o quarto.

RUTH - Não, não quero ir não.

TEDDY - Pode ficar lá descansada, não tem perigo. Eu não demoro. Olha, é logo alí. Primeira porta à direita, no corredor. O banheiro é a segunda porta também à direita. Precisa descansar um pouco, estou vendo. (PAUSA) Eu só queria... andar por aí alguns minutos. Se incomoda?

RUTH - Claro que não.

TEDDY - Bem... vamos ver o quarto?

RUTH - Não. Estou muito bem aqui, por enquanto.

TEDDY - Você não é obrigada a ir pra cama. Não estou dizendo que você tem que ir pra cama. Pode ficar comigo, se quizer. Talvez eu faça uma xícara de chá, ou prefere outra coisa? Só não podemos fazer barulho pra não acordar ninguém.

RUTH - Não estou fazendo barulho.

TEDDY - Eu sei. (SE APROXIMA DELA, DELICADAMENTE) -Olha, está tudo realmente muito bem. Eu estou aqui. Quer dizer... estou aqui com você. Não precisa ficar nervosa. Está nervosa?

RUTH - Não.

TEDDY - Não precisa ficar. (PAUSA) É uma gente cheia de calor humano, você vai ver. Gente quente. Minha família. (PAUSA).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p. 36

Bem, talvez seja melhor irmos pra cama. Porque, pensando bem, vamos ter que acordar cedo, ver papai. Não ficava bem êle nos encontrar na cama, acho. (RI, EM RISINHOS BREVES) Temos que levantar antes das seis, descer, cumprimentar todo mundo. (PAUSA).

RUTH - Acho que vou tomar um pouco de ar.

TEDDY - Ar? (PAUSA) Que é que você quer dizer?

RUTH - (DE PÉ) Dar uma volta.

TEDDY - A esta hora da noite? Mas... acabamos de chegar aqui. Temos que ir pra cama.

RUTH - Preciso de um pouco de ar.

TEDDY - Mas eu vou pra cama.

RUTH - Está bem. Vai.

TEDDY - Mas o que é que eu vou fazer? (PAUSA) A última coisa em que eu pensaria agora era dar um passeio. Que idéia! Por que é que você está precisando de ar?

RUTH - Porque preciso.

TEDDY - Mas é tão tarde!

RUTH - Não vou muito longe; volto logo. (PAUSA)

TEDDY - Eu espero você.

RUTH - Por que?

TEDDY - Não quero ir pra cama sem você.

RUTH - Posso levar a chave? (ÊLE ENTREGA A CHAVE) -Por que não vai pra cama? (ÊLE PÕE OS BRAÇOS NOS OMBROS DELA E A BEIJA. SE OLHAM POR POUCO TEMPO. ELA SORRI) -Não demoro. (ELA SAI PELA PORTA DA FRENTE. TEDDY VAI ATÉ A JANELA, OLHA ATRAVÉS DA ESCURIDÃO PARA VER RUTH, SE VOLTA UM POUCO SÔBRE SI MESMO, FICA EM PÉ DE NÔVO. SUBITAMENTE, CHUPA OS NÓS DOS DEDOS. LENNY ENTRA, VINDO DA ESQUERDA ALTA. PÁRA. USA PIJAMA E ROUPÃO. OLHA TEDDY. TEDDY SE VIRA E O VÊ. SILÊNCIO).

TEDDY - Olá, Lenny.

LENNY - Olá, Teddy (PAUSA)

TEDDY - Não ouvi você descendo a escada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p.37

LENNY - Eu não desci. (PAUSA) Durmo aqui em baixo, agora. Naquela porta. Arrumei alí uma espécie de estúdio; cantinho de trabalho e quarto de dormir. Naquela porta alí, sabe!

TEDDY - Oh! Quer dizer então... que eu acordei você?

LENNY - Não. Fui dormir cedo, hoje, mas não consegui dormir. Sabe como é. Fiquei andando (PAUSA).

TEDDY - Não está se sentindo bem?

LENNY - Não, só com o sono um pouco agitado. Pelo menos, hoje.

TEDDY - Teve pesadêlos?

LENNY - Uma coisa parecida. Mas acho que nem estava bem dormindo. Tem alguma coisa que me mantém acordado. Um espécie de tique.

TEDDY - Tique?

LENNY - É.

TEDDY - Que tique?

LENNY - Não sei (PAUSA)

TEDDY - Você tem algum despertador no quarto?

LENNY - Tenho.

TEDDY - Então deve ser o relógio.

LENNY - É, pode ser. (PAUSA)Bem,se fôr o relógio é fácil.Posso abafar com alguma coisa.(PAUSA)

TEDDY - Eu resolvi voltar,ficar uns dias.

LENNY - Ah, é? Resolveu? (PAUSA)

TEDDY - Como é que está o velho?

LENNY - Vendendo saúde. (PAUSA)

TEDDY - Eu também vou me conservando bem.

LENNY - Vai né? (PAUSA) Você vai ficar aqui,hoje?

TEDDY - Vou.

LENNY - Bem, teu quarto ainda está lá. Pode dormir nêle.

TEDDY - Eu vi. Já dei uma subida.

LENNY - Pois é, pode dormir lá. (BOCEJA) Ah, bem...

TEDDY - Vou indo pra cama

LENNY - Vai?

TEDDY - Vou. Preciso dormir um pouco.

LENNY - É, eu também vou pra cama. (TEDDY PEGA AS MALAS). Eu te

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p 38

dou uma ajuda.

TEDDY - Não precisa. Não estão pesadas. (TEDDY VAI PRO HALL COM AS MALAS. LENNY DESLIGA A LUZ. A LUZ DO HALL CONTINUA ACESA. LENNY SEGUE TEDDY ATÉ O HALL)

LENNY - Precisa de alguma coisa?

TEDDY - Mmmmmmmmmmmmm?

LENNY - Não tem nada que você precise, de uso, eu digo? Ou um copo d'água, qualquer coisa assim?

TEDDY - Uns lençois, tem por aí?

LENNY - No armário do teu quarto.

TEDDY - Ah, ótimo!

LENNY - Uns amigos meus, de vez em quando, dormem no teu quarto quando estão de passagem nesta parte do mundo. (LENNY APAGA A LUZ DO HALL E LIGA A LUZ DO PRIMEIRO ANDAR. TEDDY COMEÇA A SUBIR A ESCADA).

TEDDY - Bem, te vejo então amanhã de manhã, na hora do café.

LENNY - Ah, sim, é. Tá, tá. (TEDDY SOBE A ESCADA. LENNY SAI PELA PORTA ESQUERDA. SILÊNCIO. A LUZ DO PRIMEIRO ANDAR SE APAGA. FICA UMA VAGA LUZ NOTURNA NO AMBIENTE PRINCIPAL E NO HALL. LENNY VOLTA, VAI À JANELA E OLHA PRA FORA. SE AFASTA DA JANELA E LIGA UMA LUZ. TEM NA MÃO UM PEQUENO DESPERTADOR. SENTA-SE, PÕE O RELÓGIO À SUA FRENTE, ACENDE UM CIGARRO. RUTH ENTRA PELA PORTA DA FRENTE. FICA DE PÉ, PARADA. LENNY VIRA A CABEÇA, SORRI. ELA ENTRA, VAGAROSAMENTE, NO APOSENTO).

LENNY - Boa noite.

RUTH - Bom dia, eu acho.

LENNY - Tem tôda razão. (PAUSA) Meu nome é Lenny; e o seu?

RUTH - Ruth. (ELA SENTA, LEVANTA A GOLA DO CASACO SÔBRE O ROSTO).

LENNY - Frio?

RUTH - Não.

LENNY - Tem feito um verão maravilhoso, não é mesmo? Extraordinário. (PAUSA) -Quer tomar alguma coisa? Um refrigerante qualquer? Prefere um aperitivo, alguma coisa assim?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p-39

RUTH - Não, obrigada.

LENNY - Ainda bem que você não quer. Não temos uma gôta de bebida em casa. Natural que eu arranjava logo, se fôssemos dar uma festa, por exemplo, ou outra coisa assim. Uma comemoração qualquer... você sabe. (PAUSA) Você deve ter alguma ligação com meu irmão, naturalmente. Eu digo êsse que estêve no estrangeiro.

RUTH - Eu sou mulher dêle.

LENNY - Ah, escuta, talvez você possa me ajudar aqui. Êsse relógio está me atrapalhando a vida. Tem um tique que não me deixa dormir. Pra dizer a verdade, o problema é que eu não estou bem certo se o tique é do relógio. Porque de noite tem uma porção de coisas com tique, você já reparou isso? Tudo quanto é objeto comum durante o dia, de noite muda. De dia não fazem mal nenhum. Mas de noite todos êles começam a soltar um tique. Durante o dia você pode olhar - pode mesmo - pra qualquer um dêles e não tem nada fora do comum. São uns ratinhos mansos, durante o dia. De modo que... tôdas as coisas sendo iguais... eu afirmar que é êsse relógio que me acorda de noite, pode perfeitamente vir a ficar provado como uma falsa hipótese. (ÊLE VAI À APARADEIRA, ENCHE UM COPO D'ÁGUA DE UM JARRO, LEVA O COPO PRA RUTH) -Toma; bebe que você vai gostar.

RUTH - Que é isso?

LENNY - Água. (ELA PEGA O COPO, PROVA UM POUCO D'ÁGUA, DEIXA O COPO NUMA MESINHA JUNTO DA CADEIRA EM QUE ESTÁ) - Não é engraçado? Eu de pijama e você tôda vestida?
(VAI À APARADEIRA E ENCHE OUTRO COPO D'ÁGUA).
Se importa se eu bebo um pouco? É muito gozado ver de nôvo meu irmão, depois de tantos anos. Exatamente a espécie de tônico de que meu pai estava precisando, sabe? Êle vai cair das nuvens amanhã de manhã, quando vir na sua frente o primogênito. Eu também me surpreendi quando vi Teddy, você sabe. O velho Ted. Pensei que êle estava na América.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p-40

RUTH - Estamos visitando a Europa.

LENNY - O que, todos dois?

RUTH - É.

LENNY - Ah, você, mais ou menos, vive com êle lá, não é assim?

RUTH - Nós somos casados.

LENNY - Visitando a Europa, hein? Viu muita coisa?

RUTH - Estamos chegando da Itália.

LENNY - Oh, vocês foram primeiro à Itália, é? E aí êle trouxe você aqui pra conhecer a família, foi? Bem, o velho vai ficar contente de te conhecer, você vai ver.

RUTH - Que bom!

LENNY - Que foi que você disse?

RUTH - Que bom! (PAUSA)

LENNY - Onde é que você foi na Itália?

RUTH - Veneza.

LENNY - Não! A velha e querida Veneza? É? Coisa engraçada. Eu tenho um pressentimento que se fôsse soldado na última guerra - quero dizer, na campanha italiana - eu ia acabar batendo lá em Veneza. É um sentimento que eu tenho comigo. O problema é que eu era jovem demais pro serviço militar, sabe como é. Eu era menino, além disso muito franzino, senão aqui na minha mirabolante idéia, acho que ia acabar dando em Veneza. Claro, é uma coisa quase garantida que eu ia acabar passando lá com meu batalhão. Se importa se eu segurar tua mão?

RUTH - Por que?

LENNY - Só pra sentir. (SE LEVANTA E VAI ATÉ ELA) - Só um agrado.

RUTH - Por que? (ÊLE OLHA PARA BAIXO EM DIREÇÃO A ELA)

LENNY - Eu te digo por que. (PAUSA LIGEIRA) Uma noite, não faz muito tempo, uma noite no cais do pôrto, eu estava sòzinho em baixo de uma arcada, olhando os homens naquele movimento todos dos navios, tira e bota coisas pra dentro e pra fora, quando uma determinada senhora chegou perto de mim e me fêz uma determinada proposta. Esta dita senhora

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p41

há dias me procurava pra um determinado fim. Mas tinha perdido a pista do meu paradeiro. Contudo o fato é que afinal as nossas linhas se cruzaram e ela então aproveitou o ensejo para a determinada proposta. Bem, a proposta em questão estava perfeitamente em ordem e normalmente eu teria concordado em executá-la. Não sei se fui claro - eu teria concordado com a proposta na rotina normal dos acontecimentos. Mas sucede que a tal senhora estava caindo de podre. De modo que eu me recusei. Aí a senhora em questão se tornou muito insistente e começou a tomar liberdades comigo aproveitando a meia escuridão da arcada. Liberdades essas que sob nenhuma hipótese, ninguém admitiria que eu fôsse obrigado a tolerar, as coisas sendo como eram e aí eu acertei um nela que nem te conto. Aliás, minha intenção na hora era acabar de uma vez com ela, sabe, matá-la, e a verdade é que, as coisas sendo como são, eu não ia ter nenhuma dificuldade em matar a mulher, não ia ser nada de mais. O chofer da mulher, que é quem havia me localizado pra ela tinha entrado num botequim da esquina pra tomar um negócio, o que acabava de deixar eu e a senhora sòzinhos, você vê, alí em baixo da arcada, olhando os vapores todos soltando vapor, sem ninguém por perto, tudo tranquilo na Frente Ocidental, ela alí em pé encostada no muro, quer dizer, em pé, escorregando muro abaixo, porque o sôco que eu dei tinha arriado ela. Bem, pra resumir, estava tudo a meu favor, prum assassinato. Não precisa me lembrar do chofer, porque êle nunca ia dizer nada. Era um velho amigo da família. Mas no fim eu pensei que... Ahnnnn! Por que me meter numa chateação enorme... você sabe, dar sumiço no cadáver e tudo isso, mais aquêle estado de suspense em que se fica. Mandei mais um direto no nariz dela, acertei uns dois no estômago e resolvi deixar pra lá.

RUTH - Como é que você sabia que ela estava doente?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p.42

LENNY - Como é que eu sabia? (PAUSA) Eu decidi que estava. (SILÊNCIO) Você e meu irmão são recém-casados, não é?

RUTH - Estamos casados há seis anos.

LENNY - Foi sempre o meu irmão preferido, o velho Teddy, sabia? Você pode acreditar. Nós todos aqui temos o maior orgulho dêle. Doutor de Filosofia e êsse negócio todo... um troço que impressiona. Naturalmente é um homem muito sensível, não é? Quantas vêzes eu invejei a sensibilidade dêle.

RUTH - Verdade?

LENNY - Invejei mesmo. Quantas e quantas vêzes. Quer dizer, não estou dizendo que eu não sou sensível. Sou. Mas bem que podia ser um pouquinho mais, é isso.

RUTH - Podia?

LENNY - Podia. Só um pouquinho mais, podia. (PAUSA) Por exemplo, sou muito sensível à atmosfera, mas tenho uma tendência a dessensibilizar, se é assim que se diz, quando começam a me obrigar a fazer coisas sem sentido. Quer ver: no Natal passado eu tinha decidido ajudar o município na limpeza da neve, porque aqui na Europa a neve foi um bocado pesada o ano passado. Eu não era obrigado a limpar coisa nenhuma - quero dizer, não estava com nenhum problema sério de dinheiro - mas aquilo me solicitava, solicitava alguma coisa dentro de mim. Na verdade eu antecipava o prazer das picadas de vento gelado no levantar da madrugada. E estava antecipando bem; metia minhas botas pra neve e ficava parado numa esquina às cinco e meia da manhã esperando a viatura pra me levar ao local de trabalho. Frio de morte. Bem, chegava a viatura, eu saltava no estribo traseiro, o carro mergulhava os faróis na neve, e lá íamos nós. Parávamos lá, saltávamos com a pá já levantada, metíamos os peitos e toca pra frente, até aqui na neve de dezembro, horas antes do primeiro galo cantar. Bem, certa manhã, estou eu tomando uma xícara de chá num café alí perto, a pá assim de lado encostada na cadeira, veio uma velha e me pediu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.43

se eu podia lhe dar uma mãozinha pra mudar de lugar a máquina de secar roupa. Aquêle rôlo, sabe? Me contou que o cunhado dela, tinha deixado a máquina pra ela, mas tinha deixado num lugar ruim, no quarto da frente. Bem, como naturalmente, no quarto da frente não interessava pra ela, ela queria no quarto dos fundos. O cara tinha dado pra ela de presente sabe o que, né, uma máquina, aquêle rôlo antigo de espremer roupa lavada. Mas tinha deixado no quarto errado, tinha deixado no quarto da frente, se via logo que era um lugar imbecil pra deixar uma máquina assim, não podia ficar lá. Por isso eu resolviperder um tempinho pra dar uma fôrça à velha. Ela morava na estrada mesmo, um pouco mais em cima. Agora, sabe, o diabo foi quando eu cheguei lá e não eonsegui nem tirar a máquina do lugar. Acho que pesava uma meia tonelada. Como é que aquêle cunhado dela conseguiu botar o troço lá pra começo de conversa, isso foi um negócio que eu não consegui nem imaginar. Mas o fato é que lá estava eu, num corpo a corpo feroz com a desgraçada da máquina, arriscando até uma hérnia e a velha só olhando, gesticulando e etcétera, mas sem levantar um dedo pra me dar uma fôrça. Foi por isso que depois de alguns minutos eu virei pra ela e disse: olha aqui, minha senhora, por que a senhora não pega êsse seu rôlo e enfia no cu, hein? Além disso, eu argumentei é uma máquina que não se usa mais, a senhora tem que comprar uma centrífuga. Na verdade eu tinha a firme intenção de dar um picadeiro na velha, mostrar a ela onde é que dei a anatomia; mas, ao mesmo tempo, estava tão satisfeito com o trabalho na neve que me contentei em lhe dar um jab curto no baixo ventre. Saltei num ônibus que ia passando e me mandei. Desculpa, deixa eu tirar êsse cinzeiro que está lhe incomodando.

RUTH - Não está me incomodando!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.44

LENNY - Está atrapalhando o teu copo. O copo ia caindo. Ou o cinzeiro. Um dos dois. Mas estou preocupado é com o tapête. Quer dizer, eu não, papai. Êle é obcecado com arrumação e limpeza. Detesta esculhambação. De modo que, vendo que você neste momento não fuma, vou tirar o cinzeiro daí - se você não se importa. (FAZ O QUE DIZ) Deixa eu te livrar dêsse copo também.

RUTH - Ainda não bebi tudo.

LENNY - Já bebeu bastante, na minha opinião.

RUTH - Não bebi não.

LENNY - Mais do que o suficiente, na minha opinião.

RUTH - Mas não na minha, Leonardo (PAUSA)

LENNY - Não me chama assim, por favor.

RUTH - Por que não?

LENNY - Êsse é o nome que minha mãe me botou (PAUSA) Me dá êsse copo.

RUTH - Não (PAUSA)

LENNY - Então, eu mesmo pego.

RUTH - Experimenta pegar o copo que... eu pego você. (PAUSA)

LENNY - Que tal você me deixar pegar o copo sem tentar me pegar?

RUTH - Que tal eu te pegar e esquecer o copo? (PAUSA)

LENNY - Você está brincando. (PAUSA) Seja lá o que fôr, você gosta de outro homem. Você tem uma ligação secreta com outro homem. A família dêle nem sabe. E aí vem você pra cá sem uma palavra de aviso e já começa a arranjar encrenca (ELA PEGA O COPO E O LEVANTA NA DIREÇÃO DÊLE)

RUTH - Toma um gole. Vai. Toma um gole do meu copo. (ÊLE ESTÁ RÍGIDO) Senta no meu colo. Bebe um gole bem comprido (ELA DÁ UMA PALMADA NO COLO. PAUSA. ELA SE LEVANTA, AVANÇA PRA ÊLE COM O COPO) Põe a cabeça pra trás e abre a bôca.

LENNY - Tira êsse copo da minha frente.

RUTH - Deita no chão. Anda. Eu enfio devagarzinho na tua garganta.

LENNY - O que é que você está fazendo, está me fazendo uma proposta? (ELA RI BREVEMENTE, ESVAZIA O COPO)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p.45

RUTH - Hummm, que sêde eu estava! (SORRI PARA ÊLE, LARGA O COPO, VAI AO HALL, SOBE A ESCADA. ÊLE A SEGUE ATÉ A ESCADA E GRITA PRA CIMA)

LENNY - O que é que foi isso, hein? Foi uma proposta? (SILÊNCIO. ÊLE VOLTA À SALA, PEGA O PRÓPRIO COPO, BEBE TODO O CONTEÚDO. UMA PORTA BATE LÁ EM CIMA. A LUZ DO PATAMAR DE CIMA SE ACENDE. MAX DESCE A ESCADA, DE PIJAMA E USANDO O QUEPE. ENTRA NA SALA).

MAX - O que é que está acontecendo por aqui? Você está bêbado? (OLHA FIRME PARA LENNY) Por que é que você está gritando? Ficou maluco? (LENNY ENCHE OUTRO COPO D'ÁGUA) Relinchando e dando coices por aí no meio da noite. Você está doido varrido.

LENNY - Eu estava pensando alto.

MAX - Era Joey que estava aqui? Você estava gritando com êle?

LENNY - O senhor não ouviu o que eu disse, papai? Eu disse que estava pensando alto.

MAX - Estava pensando tão alto que me tirou da cama.

LENNY - Olha, me diz uma coisa, por que é que você não desencarna logo, hein?

MAX - Desencarna logo, é? Sim senhor, me acorda no meio da noite, eu penso que tem ladrão na casa, já vejo êle com uma faca enterrada nas costas, desço até aqui preocupado, e êle quer saber porque é que eu não desencarno logo. (LENNY SE SENTA) Com alguém êle estava falando. Com quem poderia ser? Estão todos dormindo. Mas êle estava conversando com alguém. Não vai me dizer quem é. Prefere dizer que estava pensando alto. O que é que você está fazendo, escondendo alguém?

LENNY - Sei lá. Eu sou sonâmbulo. Vai embora e me deixa em paz, tá? Me faz êsse favor!

MAX - Eu exijo uma resposta, tá entendendo? Lhe perguntei se você está escodendo alguém aqui.

(PAUSA)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p46

LENNY - Vou lhe dizer uma coisa, papai; já que o senhor está com a veia pra conversa fiada, quero lhe perguntar um negócio. Um negócio que há muito tempo eu estou pra lhe perguntar. Naquela noite... vou lhe explicar que noite... na noite em que você me fêz... aquela noite com a velha, como é que foi, hein? Quando eu era apenas um brilho safado no teu olhar, hein? Como é que foi? O ambiente geral da coisa, digo, isto é, o por quê da minha confecção. Por exemplo, é fato que o tempo todo o senhor tinha intenção de me fazer ou isso era a última coisa que lhe passava pela cabeça? (PAUSA). Estou lhe perguntando só por espírito de investigação. O senhor compreende isso, não compreende? Curiosidade. E há uma porção de gente da minha idade que tem essa mesma curiosidade, sabia disso, papai? Vivem ruminando isso, algumas vêzes sòzinhos, enrustidos, algumas vêzes em grupos - como é que aquela noite foi exatamente - a noite em que foram feitos à imagem e semelhança daquelas duas pessoas no ato. É um assunto de que eu já devia ter tratado antes - êrro meu - mas como aconteceu êsse encontro agora assim de noite e o tempo está aí mesmo à nossa frente eu resolvi ver como é que o senhor descalça a bota. (PAUSA)

MAX - Eu te afogo no teu próprio sangue.

LENNY - Se o senhor prefere responder por escrito não faço objeção. (MAX FICA DE PÉ) Eu devia ter perguntado à minha querida mãe. Por que não perguntei à minha querida mãe? Agora é tarde. Ela já passou pro outro lado. (MAX COSPE NÊLE) (LENNY OLHA PRA BAIXO, PRO TAPÊTE) Mas olha só o que você fêz. Amanhã de manhã eu vou ter que me dedetizar. (MAX SE VOLTA E SOBE A ESCADA. LENNY FICA PARADO. BLECAUTE)

(AS LUZES SE ACENDEM)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p. 47

(44)

(MANHÃ. JOEY EM FRENTE DO ESPÊLHO. ESTÁ FAZENDO EXERCÍCIOS LENTOS DE FLEXÃO. PÁRA, PENTEIA O CABELO CUIDADOSAMENTE. AÍ PASSA A FAZER SOMBRA, PESADAMENTE, OBSERVANDO-SE NO ESPÊLHO. MAX DESCE VINDO DA ESQUERDA ALTA)

(TANTO MAX QUANTO JOEY ESTÃO VESTIDOS. MAX OBSERVA JOEY EM SILÊNCIO. JOEY PÁRA COM A SOMBRA, PEGA UM JORNAL E SE SENTA. SILÊNCIO).

MAX - Detesto esta sala. (PAUSA) Eu gosto é da cozinha. É bom lá. Aconchegante. (PAUSA) Mas lá, eu não posso ficar. Sabe por que? Êle está sempre lavando aquilo, raspando os pratos, me botando pra fora, é porisso.

JOEY - Por que não traz o seu chá praquí?

MAX - Porque eu não quero. Detesto isso aqui. Quero tomar meu chá, lá. (VAI AO HALL E OLHA PRA DENTRO DA COZINHA). Mas o que é que êle está fazendo aí? (VOLTA) Que horas são?

JOEY - Seis e meia.

MAX - Seis e meia. (PAUSA) Vou ver o jôgo de futebol de tarde. Quer vir comigo?(PAUSA) Estou falando contigo.

JOEY - Tenho treino hoje de tarde. Vou fazer seis rounds com o Crioúlo.

MAX - Mas antes das cinco? Tem tempo pra ir ver o jôgo antes. É o primeiro jôgo da rodada.

JOEY - Não, não vou não.

MAX - Por que? (PAUSA. MAX VAI ATÉ O HALL) Sam! Vem cá!

SAM - O que?

MAX - O que é que você está fazendo aí?

SAM - Lavando a cozinha.

MAX - E que mais?

SAM - Limpando os restos que você deixou.

MAX - Botando os restos no lixo, é?

SAM - Advinhou!

MAX - O que é que você está querendo provar?

SAM - Eu? Nada, ué!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.48

MAX - Está sim, como é que não está? Você fica danado porque tem que preparar meu café da manhã, não é isso? Vai dizer que não! É por isso que depois fica aí dentro, abrindo e fechando, bang, bang, raspando a frigideira, raspando tudo quanto é resto pra dentro da lata de lixo, raspando os pratos, raspando até a chá de dentro do bule... Eu sei porque é que você faz isso tôda porcaria de manhã. Eu sei. Escuta aqui, Sam. Quero te dizer uma coisa. Do fundo do coração. (SE APROXIMA MAIS) Quero que você se livre desses ressentimentos que tem para comigo. Eu gostaria de saber a causa, compreende? Honestamente, me diz, alguma vez na vida te dei algum motivo? Nunca. Quando papai morreu êle me disse, Max toma conta dos teus irmãos. Foi assim mesmo que êle me disse.

SAM - Como é que êle podia ter dito isso estando morto?

MAX - O que?

SAM - Como é que êle podia falar se estava morto? (PAUSA)

MAX - Foi antes de morrer, Sam. Um pouquinho antes. Suas últimas palavras. Palavras sagradas, Samizinho. Um segundo depois de ter pronunciado essas palavras,... aí sim, estava morto. Acha que estou brincando? Você pensa que o que papai disse - no seu leito de morte - eu não vou obedecer até a última palavra? Tá ouvindo isso, Joey? Êle não tem respeito por coisa nenhuma. É capaz de cuspir na memória de nosso pai. Que espécie de filho foi você, seu maricas? Vivia o tempo todo fazendo palavras cruzadas! Levávamos você pro açougue e nem varrer a serragem do chão você varria. Mas quando MacGregor passou a frequentar o açougue no fim de uma semana sabia dirigir tudo sòzinho. Bem, vou te dizer uma coisa. Respeito meu pai, não só como homem, mas também como o açougueiro número um. E posso provar isso porque sempre acompanhei êle no açougue. Aprendi a serrar uma carcassa sentado no colo dêle. Comemorei com sangue o nome dêle. E dei ao mundo três homens de verdade. Fiz isso sòzinho. O que é que você fêz? (PAUSA) Me diz, o que é que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.49

você fêz? (PAUSA) Fruta!

SAM - Você quer terminar a limpeza? Toma, o pano está aqui.

MAX - Por isso você tem que procurar se livrar dos teus ressentimentos comigo. Sam, afinal de contas, somos irmãos.

SAM - Você quer o esfregão? Taquí, toma. (TEDDY E RUTH DESCEM A ESCADA. ATRAVESSAM O HALL E PARAM DENTRO DA SALA. OS OUTROS SE VOLTAM E OLHAM PARA ÊLES. JOEY SE LEVANTA. AMBOS ESTÃO DE ROUPÃO. SILÊNCIO. TEDDY SORRI)

TEDDY - Olá papai, como vai? Dormimos demais. (PAUSA) O que é que tem aí pra se comer? (SILÊNCIO. TEDDY MORDE OS NÓS DOS DEDOS). -Hummmm! Dormimos demais! (MAX SE VIRA PARA SAM)

MAX - Você sabia que êle estava aqui?

SAM - Não.

(MAX SE VIRA PARA JOEY)

MAX - Você sabia que êle estava aqui? (PAUSA) Eu perguntei se você sabia que êle estava aqui?

JOEY - Não.

MAX - Então quem sabia? (PAUSA) Quem sabia? (PAUSA) Eu não sabia.

TEDDY - Eu ia descer antes, papai, eu ia... estar aqui, quando o senhor descesse. (PAUSA) Como vai o senhor? (PAUSA) Uh... olha, quero lhe apresentar...

MA X - Há quanto tempo você está nesta casa?

TEDDY - A noite tôda.

MAX - A noite tôda? Quer dizer que eu sou um palhaço? Como é que você entrou?

TEDDY - Com a minha chave. (MAX ASSOBIA E RI)

MAX - O que é isso aí?

TEDDY - Eu estava tentando lhe apresentar.

MAX - Quem lhe deu permissão de trazer vacas cá pra dentro?

TEDDY - Vacas?

MAX - Quem lhe deu licença de botar vacas sujas nesta casa?

TEDDY - Olha aqui, não seja ridículo e...

MAX - Você passou aqui a noite tôda?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.50

TEDDY - Passei. Chegamos de Veneza...

MAX - Quer dizer que essa porcaria nojenta estêve na minha casa a noite tôda! AMinha casa abrigou essa porca sifilítica e bichada a noite tôda.

TEDDY - Pára com isso! Que é que você está dizendo?

MAX - Há seis anos que eu não vejo o puto, êle chega sem uma palavra, apanha uma vaca nojenta na rua e instala ela em minha própria casa.

TEDDY - Ela é minha mulher! Nós nos casamos. (PAUSA)

MAX - Eu nunca tive uma puta embaixo dêste teto, antes. Desde que tua mãe morreu. Palavra de honra. (PARA JOEY) Algum dia você viu alguma puta aqui dentro? Mas êsses que vêm da América vêm trazendo a privada com êles. Vêm trazendo o urinol com êles. (PARA TEDDY) Tira essa pústula de perto de mim. Tira isso daqui de perto de mim.

TEDDY - Ela é minha mulher!

MAX - (PARA JOEY) Bota os dois lá fora. (PAUSA) Um doutor em filosofia. Sam, quer conhecer um doutor em filosofia? (PARA JOEY) Eu disse bota os dois lá fora. (PAUSA) O que é que há? Tá surdo?

JOEY - Você está muito velho. (PARA TEDDY) Êle está muito velho. (LENNY ENTRA DE ROUPÃO. PÁRA. TODOS OLHAM EM VOLTA. MAX SE VIRA, ATINGE JOEY NO ESTÔMAGO, COM TÔDA FÔRÇA. JOEY SE CONTORCE, CAMBALEIA PELO PALCO. MAX, COM O ESFÔRÇO DO GOLPE, COMEÇA A CAIR. SEUS JOELHOS SE DOBRAM. ÊLE SE AGARRA VIOLENTAMENTE À BENGALA. SAM VAI EM DIREÇÃO DÊLE PARA AJUDÁ-LO. MAX ACERTA-LHE A CABEÇA COM A BENGALA. SAM SE SENTA, A CABEÇA NAS MÃOS. JOEY, AS MÃOS APERTANDO O ESTÔMAGO, CAI AOS PÉS DE RUTH. ELA OLHA PRA ÊLE. LENNY E TEDDY ESTÃO PARADOS, RÍGIDOS. LENTAMENTE JOEY SE LEVANTA. ESTÁ PERTO DE RUTH. SE VOLTA, OLHA PARA MAX. SAM APERTA A CABEÇA. MAX RESPIRA PESADAMENTE, E, AOS POUCOS, SE LEVANTA. JOEY SE DIRIGE PARA ÊLE. OS DOIS SE OLHAM. SILÊNCIO. MAX PASSA POR JOEY, SE DIRIGE PARA RUTH. AGITA A BENGALA.)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p. 51

MAX - Menina! (RUTH CAMINHA PARA ÊLE)

RUTH - Sim? (MAX OLHA PRA ELA).

MAX - Você é mãe?

RUTH - Sou.

MAX - Quantos você tem?

RUTH - Três.

MAX - (SE VIRA PARA TEDDY) Todos teus, Teddy? (PAUSA) Teddy, por que não me dá um abraço apertado e um beijo, hein? Como antigamente, Teddy? Que tal um abração bem apertado e um beijo, meu Teddy, hein?

TEDDY - Vamos lá, então. (PAUSA)

MAX - Você vai mesmo dar um beijo no teu velho pai? Vai dar um abração no teu velho?

TEDDY - Vamos lá, patrão. (TEDDY AVANÇA UM PASSO EM DIREÇÃO A ÊLE) Vamos lá. (PAUSA)

MAX - Você ainda gosta do teu velho pai, gosta? (OS DOIS SE DEFRONTAM)

TEDDY - Anda, papai. Manda êsse abraço.

(MAX COMEÇA A RIR EM GORGULHOS. SE VIRA PARA OS OUTROS)

MAX - Êle ainda gosta do pai dêle!

C O R T I N A

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p.52

TARDE.

(MAX, TEDDY, LENNY E SAM ESTÃO NO PALCO ACENDENDO CHARUTOS. JOEY VEM DA ESQUERDA ALTA COM UMA BANDEJA DE CAFÉ, SEGUIDO DE RUTH. DESCANSA A BANDEJA EM ALGUM LUGAR. RUTH SERVE CAFÉ PARA TODOS. SENTA-SE COM A SUA XÍCARA. MAX SORRI PARA ELA).

RUTH - Almôço excelente!

MAX - Fico muito contente que você tenha gostado. (PROS OUTROS) Vocês ouviram isso? (PARA RUTH) De uma coisa você pode estar certa - pus corpo e alma nêsse almôço (BEBE) O café também está divino.

RUTH - Agora quem fica contente sou eu (PAUSA).

MAX - Alguma coisa me diz que você é uma cozinheira de mão cheia.

RUTH - Não sou má, não.

MAX - Alguma coisa me diz que você é a rainha das cozinheiras. Que é que você me diz, Teddy?

TEDDY - É, ela cozinha muito bem (PAUSA)

MAX - Puxa, há muito tempo a família não se reunia tôda assim. Ah, se a mãe de vocês estivesse viva. Hein, o que é que você diz, Sam? O que é que Jessie diria se estivesse viva? Sentada aqui com os três filhos. Três bonitões, homens feitos todos. E essa belezoca de nora, Jessie estaria áí mimando êles, estragando êles você não acha, Sam? Ah, na certa ela estava aí beijando, arrumando, brincando, contando histórias pra êles - e fazendo cosquinha nêles, como ela gostava - ah, ela ia ficar histérica vendo êles aí, assim. (PARA RUTH) Tudo que êsses meninos sabem foi ela quem ensinou. Ensinou a êles tôda a virtude que êles possuem. Estou lhe dizendo. Cada vírgula do código moral pelo qual êles vivem lhes foi ensinada pela mãe. Ela botava o coração em tudo que fazia. Que coração hein, Sam? Mas estou aqui chovendo no molhado. Todos vocês sabem melhordo que eu que ela

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p-53

era a espinha dorsal desta família. É claro, eu dava duro, eu trabalhava vinte e quatro horas por dia no açougue, virava o país de cima a baixo pra comprar uma carne melhor, abria meu caminho no mundo a sôco e ponta-pé, mas em casa eu deixava uma mulher de vontade de ferro, coração de ouro e cabeça. Cabeça. Era ou não era, Sam? (PAUSA) Que cabeça! (PAUSA) Uma coisa; eu sempre fui muito generoso pra ela. Nunca a deixei de bôlso vazio. Uns trocados ela sempre tinha. Me lembro de um ano quando entrei em negociações com um grupo de açougueiros de primeira, caras importantes com ramificações no continente. Eu ia me associar com êles. Me lembro que essa noite, quando cheguei em casa, fiquei de bico calado. Antes de tudo peguei Lenny e dei um banho nêle, depois dei banho em Teddy, depois dei banho em Joey. Como a gente se divertia no banheiro, hein, meninos? Depois desci até aqui, fiz Jéssie descansar os pés no pufe - o que é que aconteceu com aquêle pufe? Há anos que não vejo - ela descansou os pés no pufe e eu disse pra ela, Jéssie, acho que desta vez nós acertamos na môsca, de modo que vou te prometer uma coisa, vou te comprar um bonito vestido de seda azul clara, incrustado de pérolas naturais e pro uso diário, umas calças de tafetá com flores. E depois servi pra ela um gole de xerês. Me lembro que aí os rapazes desceram todos de pijama, todos com o cabelo brilhando, bem penteados, cada um com o rosto mais corado do que o outro, nenhum dêles fazia a barba ainda, e todos se ajoelharam junto de nós, de mim e de Jéssie. Estou lhes contando - parecia noite de Natal (PAUSA).

RUTH - E o que é que aconteceu com o grupo de açougueiros?

MAX - O grupo? Acabou se revelando um bando de criminosos como todo mundo. (PAUSA) Charuto fedorento. (APAGA-O APERTANDO-O CONTRA ALGUMA COISA. VOLTA-SE PARA SAM).

A que horas você vai trabalhar?

SAM - Daqui a pouco.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p. 54

MAX - Você tem um serviço hoje de tarde não tem?

SAM - Eu sei.

MAX - Que é que você dizer com êsse tom de eu sei? Vai chegar tarde. Quer perder o emprêgo? Está procurando o que, me humilhar?

SAM - Não se preocupe comigo.

MAX - Me faz subir biles à bôca. Biles - tás me entendendo? (PARA RUTH) Trabalhei como açougueiro a vida inteira, alí no cêpo e no machado, no cêpo, sabe o que é, não, pois é, no cêpo e no machado! Pra manter o luxo da família. Duas famílias! Minha mãe vivia na cama, era entrevada, meus irmãos eram todos paralíticos. Eu tinha que ganhar o dinheiro pros psiquiatras mais importantes! Eu tinha que ler livros! Tinha que estudar a doença, estar pronto para enfrentar qualquer emergência. Uma família de aleijados! Três filhos da puta, uma puta escrôta como espôsa - e não me vem falar das dôres do parto - quem sofria as dores era eu, ainda sinto as pontadas, basta tossir ummpouco que as costas me arrebetam - e aqui continuo no mesmo tendo à frente o vagabundo dêsse meu irmão, um viado preguiçoso, incapaz siquer de chegar no trabalho à hora certa. O melhor chofer do mundo. Passou a vida inteira sentadinho no volante desmunhecando delicados gestos automobilísticos. Você chama isso de trabalho? Êsse cara não distingue uma caixa de mudança do próprio ôlho do cu.

SAM - Por que você não pergunta aos meus clientes? Eu sou o único que êles chamam.

MAX - O que é que os outros choferes fazem, dormem o dia todo?

SAM - Eu só posso guiar um carro de cada vez. Não posso servir todos ao mesmo tempo. O que sobra, os outros pegam.

MAX - Pode servir todos ao mesmo tempo, sim senhor. Você fica de quatro na Ponte Blackfriar por qualquer meio dólar.

SAM - Eu, é?

MAX - Por qualquer dinheirinho trocado e um pacote de bonbons, você fica.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p-55

SAM - Você está querendo me insultar! Está insultando o irmão, é o prazer dêle. Agora mesmo vou levar um passageiro a Hampton Court. Sabe quanto? Quatro libras e meia.

MAX - Você sabe quem sabia guiar mesmo de verdade? MacGregor! MacGregor sim, êsse era um volante!

SAM - Está brincando. (MAX APONTA A BENGALA PARA SAM)

MAX - Êle nem lutou na guerra. Êsse daí nem lutou na pôrra da guerra.

SAM - Lutei sim senhor.

MAX - Quem foi que você matou? (SILÊNCIO. SAM SE LEVANTA, VAI ATÉ RUTH, APERTA A MÃO DELA E SAI PELA PORTA DA FRENTE. MAX SE VOLTA PARA TEDDY).

Bem, como é que você vai indo, meu filho?

TEDDY - Vou indo muito bem, papai.

MAX - É bom você estar de nôvo aqui conosco, meu filho.

TEDDY - Foi muito bom voltar, papai. (PAUSA)

MAX - Você devia ter me comunicado o seu casamento, Teddy. Eu teria mandado um presente, Onde é que você se casou,na América?

TEDDY - Não. Aqui. Um dia antes de embarcarmos.

MAX - E como é que foi a festa, bonita?

TEDDY - Não. Não tinha ninguém.

MAX - Mas você é doido. Eu te preparava um festão! Botava aqui dentro a nata da nata, você ia ver. E o meu maior prazer sabe qual era? Pagar tudo. Palavra de honra. (PAUSA)

TEDDY - O senhor estava muito ocupado naquela ocasião. Eu não quiz incomodar.

MAX - Mas você é carne da minha carne. Sangue do meu sangue. Meu primogênito. Eu largava tudo. Sam levava vocês no Humber até a igreja, Lenny era o padrinho, E depois íamos todos juntos pro cáis do pôrto ao teu bota-fora. Me diz uma coisa, você não acha que eu sou contra casamento, acha? Não seja bôbo, hein? (PARA RUTH) Eu vivo dizendo aos dois menores para arranjarem uma garôta bem feminina, simpática; com bocas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0620,p-56

referências naturalmente - isso é que faz a vida valer a pena (PARA TEDDY) Seja como fôr, que diferença faz, você casou, tá casado, escolheu maravilhosamente, está com uma família maravilhosa, uma carreira maravilhosa... vamos lá, Teddy, o que passou, passou. (PAUSA) Vocês pereebem o que eu quero dizer? Quero que saibam que têm a minha aprovação, a minha bênção.

TEDDY - Muito obrigado.

MAX - Não tem de que. Neste momento quantas outras casas do bairro podem se orgulhar de ter dentro delas um Doutor em Filosofia tranquilamente sentado tomando o seu cafezinho? (PAUSA)

RUTH - Estou certa de que Teddy se sente imensamente feliz... por saber que o senhor está satisfeito comigo (PAUSA). Acho que êle estava muito preocupado com a sua aprovação, se eu lhe agradava ou não.

MAX - Mas você é uma mulher encantadora (PAUSA)

RUTH - Eu era...

MAX - O que? (PAUSA) O que é que ela disse?

(TODOS OLHAM PARA RUTH)

RUTH - Eu era... diferente... quando conheci Teddy... antes.

TEDDY - Não era nada. Era a mesma.

RUTH - Não, era diferente.

MAX - Ninguém está ligando pra isso. Olha, vivo no presente, o que é que está te preocupando? Quero dizer, você não deve esquecer nunca que a terra tem cinco milhões de anos de idade. No mínimo. Alguém pode se dar ao luxo de viver no passado? (PAUSA).

TEDDY - O senhor não sabe quanto ela me ajuda na América. É uma espôsa e uma mãe maravilhosa. Uma mulher muito popular. Temos muitos amigos. Levamos uma boa vida, na Universidade... o senhor sabe... é uma vida muito boa mesmo. Temos uma bela casa... com tudo... temos tudo que precisamos. O meio em que vivemos é muito estimulante. (PAUSA)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p-57 (54)

O departamento em que eu trabalho tem tido muito sucesso, tem aparecido muito. (PAUSA) Temos três meninos, o senhor sabe.

MAX - Todos homens? Mas não é engraçado? Você três, eu três. Você tem três sobrinhos, Joey. Joey! Você é titio, sabia? Podia ensinar boxe aos meninos, hein?

JOEY - (PARA RUTH) Eu sou bóxer. De noite, depois do trabalho. De dia trabalho em demolição.

RUTH - Hummm!

JOEY - Quando eu conseguir mais lutas, largo o trabalho, fico full time no boxe.

MAX - (PARA LENNY) Viu com que facilidade êle fala com a cunhada? Reparou? É porque ela é uma mulher inteligente e simpática. (SE CURVA PRA ELA) êh, me diz, como é que é com os meninos - êles não sentem falta da mãe dêles?

TEDDY - Claro que sim. Adoram amãe. Mas nós voltamos logo (PAUSA)

LENNY - (PARA TEDDY) Teu charuto apagou.

TEDDY - É mesmo.

LENNY - Quer fôgo?

TEDDY - Não, não. (PAUSA) O teu também.

LENNY - Ah, é. (PAUSA) E você Teddy, quase não falou nada sôbre o teu doutorado em filosofia. O que é que você ensina?

TEDDY - Filosofia.

LENNY - Então eu quero te perguntar uma coisa. Você não encontra uma certa incoerência lógica nas afirmações centrais do teísmo cristão?

TEDDY - Essa questão não faz parte da minha especialidade.

LENNY - Ah, então encara a coisa assim... você não se importa d'eu lhe fazer umas perguntas, se importa?

TEDDY - Se forem da minha especialidade.

LENNY - Bem, vê o meu ponto de vista. Como é que o desconhecido pode merecer veneração? Em outras palavras, como se pode venerar uma coisa que se desconhece? Ao mesmo tempo seria ridículo admitir que uma coisa que conhecemos mereça vene-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0620,p-58 (55)

ração. O que conhecemos merece qualquer outra espécie de coisa, mas é evidente à razão mais simples, que a veneração não está entre essas coisas. Em outras palavras, tirando o conhecido e o desconhecido, o que é que existe mais? (PAUSA)

TEDDY - Receio muito que eu não seja a pessoa indicada pra te responder.

LENNY - Mas você é um filósofo. Vamos, seja franco. Como é que você decide êsse negócio de ser e de não ser?

TEDDY - Como é que eu decido?

LENNY - Sim, por exemplo, tomemos uma mesa. Estou falando filosòficamente. O que é uma mesa?

TEDDY - Uma mesa.

LENNY - Ah, você quer dizer mada mais do que uma mesa. Bem, muita gente invejaria essa tua certeza, não é mesmo, Joey? Por exemplo, eu tenho uma turma de amigos e conhecidos e nós nos sentamos sempre aí no Ritz pra tomar uns drinques. Êles estão sempre discutindo essas coisas você sabe, coisas assim; tomemos uma mesa, por exemplo, você toma essa mesa, etcétera e tal. Muito bem, eu digo então, toma-se uma mesa. Mas, uma vez tomada a mesa, o que é que se faz com ela? Uma vez que você botou a mesa em baixo do braço onde é que você vai com ela?

MAX - Talvez o melhor seja vender.

LENNY - Não daria nada.

JOEY - Partir e usar como lenha pro fogão.(LENNY OLHA PRA ÊLE E RI)

RUTH - O melhor é não ter certeza. Você esqueceu alguma coisa. Olha pra mim. Eu... mexo a minha perna. É tudo. Mas eu uso roupa de baixo... que se mexe comigo... Ela...captura a tua atenção. Talvêz você interprete mal. A ação é simples. É uma perna... mexendo. Meus lábios se mexem. Por que você não restringe sua observação a isso? Talvez o fato de que êles se mexam seja mais significativo... do que as pa-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p.59

lavras que passam através dêles. Você tem que ter essa... possibilidade... em mente. (SILÊNCIO. TEDDY SE LEVANTA) Eu nasci aqui pertinho. (PAUSA) Depois... há seis anos atrás fui pra América. (PAUSA) É tudo rocha. E areia. Se perde na distância... para qualquer lado que se olha. E tem também muito inseto. Lá. (PAUSA) E lá tem também muito inseto. (SILÊNCIO. ELA ESTÁ RÍGIDA. MAX FICA DE PÉ)

MAX - Bem, tá na hora de ir pra academia. Hora do teu treino, Joey.

LENNY = (LEVANTANDO-SE) Vou com você (JOEY, SENTADO OLHA PRA RUTH)

MAX - Joey (JOEY SE LEVANTA. OS TRÊS SAEM. TEDDY SENTA PERTO DE RUTH, SEGURA A MÃO DELA. ELA SORRI PRA ÊLE. PAUSA;)

TEDDY - Acho que já está na hora de voltarmos. Hummm? (PAUSA) Vamos pra casa?

RUTH - Por que?

TEDDY - Bem, nós não íamos ficar muito tempo mesmo, só uns dias, não foi isso que combinamos? Uns dias ou um dia, tanto faz... podemos reduzir o tempo, acho.

RUTH - Por que? Não está gostando daqui?

TEDDY - Claro que estou. Mas preferia voltar logo pra perto dos meninos. (PAUSA)

RUTH - Você não gosta da tua família?

TEDDY - Que família?

RUTH - Essa aqui.

TEDDY - Claro que gosto. De que é que você está falando? (PAUSA)

RUTH - Mas não gosta tanto quanto pensava.

TEDDY - Claro que gosto. É evidente que gosto. Não entendo o que você está dizendo (PAUSA) Escuta, você sabe que horas são lá agora, não sabe?

RUTH - O que?

TEDDY - É de manhã. Mais ou menos onze horas da manhã.

RUTH - Ah, é?

TEDDY - É. Seis horas de diferença pra menos lá... ou pra mais aqui, conforme o ponto de vista. Os meninos estão na piscina

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p.60

agora... nadando. Já pensou? Aquela manhã bonita de lá? Sol. Temos que ir embora mesmo, humm? Lá é tão limpo!

RUTH - Limpo.

TEDDY - Não é?

RUTH - E aqui é sujo?

TEDDY - Não, claro que não. Mas lá é mais limpo. (PAUSA) Olha, eu te trouxe aqui pra conhecer a família, não foi? Já conheceu, podemos voltar. Daqui a pouco começam as aulas de outono.

RUTH - Você acha sujo aqui?

TEDDY - Eu não disse que achava nada sujo. (PAUSA) Eu não disse isso. (PAUSA) Olha, vou subir e arrumar as malas. Descansa um pouco. Está bem? Êles só devem voltar daqui a uma hora. Você pode dormir um pouco. Descansar. Por favor. (ELA O OLHA) Você pode me ajudar a preparar as aulas, quando chegamos lá. Eu gostaria tanto. Você não sabe como eu me sentiria grato por isso. Podemos tomar banho de piscina todo dia, até outubro. Você sabe disso. Aqui não tem lugar nenhum pra se tomar banho, a não ser na piscina do pôsto de gazolina. Mas sabe a sensação que aquilo me dá? De mictório. Um mictório imundo. (PAUSA) Você gostou de Veneza, não gostou? Uma maravilha, não é não? Você passou uma boa semana. Quero dizer... eu te levei lá. Eu sei falar italiano.

RUTH - Mas se eu tivesse sido enfermeira na campanha da Itália podia ter conhecido Veneza muito antes. (PAUSA)

TEDDY - Descansa um pouco. Vou arrumar as malas. (TEDDY SOBE A ESCADA. ELA FECHA OS OLHOS. LENNY ENTRA DA ESQUERDA ALTA. ENTRA NA SALA E SENTA PERTO DELA. ELA ABRE OS OLHOS. SILÊNCIO)

LENNY - É, os dias estão encurtando.

RUTH - É mesmo, já está ficando escuro. (PAUSA)

LENNY - Daqui a pouco o inverno estaí. É tempo de renovar o guarda-roupa. (PAUSA)

RUTH - É bom fazer isso.

LENNY - O que? (PAUSA)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.61

RUTH - Eu sempre... (PAUSA) Você gosta de roupas?

LENNY - Gosto. Gosto muito de roupas. (PAUSA)

RUTH - Eu gosto de... (PAUSA) O que é que você acha do meu sapato?

LENNY - Muito bonito.

RUTH - Não, eu não consigo encontrar o que eu quero, lá.

LENNY - Não consegue encontrar o que quer lá, é?

RUTH - Não... lá não se encontra. (PAUSA)
Eu era modêlo antes de ir embora.

LENNY - Chapéus? (PAUSA) Uma vez comprei um chapéu pruma garôta. Vimos o chapéu numa caixa de plástico transparente dentro da vitrine. Vou lhe dizer como é que era. Tinha um ramo de narcisos em cima, um fita de setim preto, era todo coberto com um véu de setim preto. Vou te contar. A garôta parecia feita pro chapéu.

RUTH - Não... Eu era modêlo vivo. Modêlo fotográfico... vivo.

LENNY - Trabalho de estúdio?

RUTH - Isso foi antes d'eu ter... meus filhos todos. (PAUSA) Não, nem sempre estúdio. (PAUSA) Uma vez ou duas fomos prum lugar aí no campo, de trem. Umas cinco ou seis vêzes. Costumávamos passar por uma caixa d'água de concreto, branca, muito alta. O lugar... a casa... era muito grande... as árvores... tinha um lago, percebe... trocávamos de roupa e descíamos pro lago... tinha um caminho... de pedras... é, um caminho com pedras. Ah, espera; quando mudamos de roupa na casa, tomamos um drinque. E havia um bufê frio. (PAUSA) Algumas vêzes ficávamos dentro de casa... mas quase sempre descíamos até o lago e posávamos lá. (PAUSA) Eu fui lá pouco antes de ir pra América. Fui a pé da estação até o portão da casa, depois subi o caminho cheio de plantas. Tinha luzes acesas... eu fiquei parada no meio do caminho... a casa era bem visível. (TEDDY DESCE COM AS MALAS. DESCANSA AS MALAS, OLHA PRA LENNY).

TEDDY - O que é que você andou contando pra ela? (APROXIMA-SE DE RUTH) Olha o teu casaco.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p-62

(LENNY VAI ATÉ A VITROLA E PÕE UM DISCO DE JAZZ, LENTO)

RUTH - Ah, boa idéia.

LENNY - (PARA RUTH) Que tal uma dança antes de ir embora?

TEDDY - Não, já vamos.

LENNY - Uma só.

TEDDY - Não, já vamos.

LENNY - Uma dança só, com o cunhado dela, antes de ir embora. (SE CURVA PARA ELA) Madame?

(RUTH SE LEVANTA. OS DOIS DANÇAM, VAGAROSAMENTE. TEDDY FICA DE PÉ COM O CASACO DE RUTH. MAX E JOEY ENTRAM PELA PORTA DA FRENTE. FICAM DE PÉ. LENNY BEIJA RUTH. OS DOIS ESTÃO DE PÉ, SE BEIJAM)

JOEY - Meu Deus, ela se abriu tôda, papai, olha só. (PAUSA) Ela é uma puta. (PAUSA) o Velho Lenny pegou um puta aqui. (JOEY SE APROXIMA DÊLES, PEGA NO BRAÇO DE RUTH, SORRI PARA LENNY. SENTA COM RUTH NO SOFÁ, ABRAÇA E BEIJA ELA. OLHA PARA LENNY) -Achei no meu quintal!

(SE CURVA SÔBRE ELA ATÉ QUE ELA FICA EMBAIXO DÊLE. BEIJA-A. OLHA PARA TEDDY E MAX.) -Isso aqui é muito melhor do que massagem. (LENNY SENTA NO BRAÇO DA POLTRONA. ALISA O CABELO DE RUTH, ENQUANTO JOEY A ABRAÇA. MAX AVANÇA, OLHA AS MALAS).

MAX - Você vai embora, Teddy? Já? (PAUSA) E quando é que você volta, hein? Olha, na próxima vez que vier, não esqueça de avisar se vem casado ou não. Teremos sempre o maior prazer em conhecer tua mulher. Sinceramente. Estou te dizendo.

(JOEY ESTÁ COM TODO O PÊSO DO CORPO SÔBRE RUTH. ESTÃO QUASE PARADOS, LENNY ACARICIA O CABELO DELA)

Pensa que eu não sei porque você não me comunicou teu casamento? Sei muito bem. Teve vergonha. Achou que eu ia me aborrecer porque se casou com uma mulher de condição inferior à nossa. Você devia me conhecer melhor. Eu sou aberto. Eu sou um camarada aberto, Teddy. (SE CURVA PARA OLHAR A CARA DE RUTH EMBAIXO DE JOEY, SE VOLTA DE NÔVO PARA TEDDY)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p63 (59)

Fica tranquilo, é uma moça encantadora. Uma bela mulher! E uma mão, também. Mãe de três filhos. Você fêz dela uma mulher realizada. É uma coisa de que você deve se orgulhar. Acho que me entende - estamos falando de uma mulher de qualidade. Estamos falando de uma mulher de sensibilidade. (JOEY E RUTH ROLAM DO SOFÁ PARA O CHÃO. JOEY A SEGURA COM FÔRÇA. LENNY SE MOVIMENTA, FICA UM POUCO ACIMA DÊLES. OLHA PARA BAIXO, OBSERVANDO-OS. TOCA EM RUTH COM O PÉ, DELICADAMENTE. RUTH, SÙBITAMENTE, EMPURRA JOEY PARA LONGE DELA. SE LEVANTA. JOEY SE LEVANTA TAMBÉM, ENCARA-A)

RUTH - Eu gostaria de comer alguma coisa. (PARA LENNY) Quer me dar um drinque? Tem alguma coisa que se beba?

LENNY - Claro que tem.

RUTH - Quer me dar um drinque, então?

LENNY - O que, por exemplo?

RUTH - Uisque.

LENNY - Uisque tem. (PAUSA)

RUTH - Então me dá. (LENNY VAI À APARADEIRA, PEGA UMA GARRAFA E COPOS. JOEY SE APROXIMA DELA) Desliga essa vitrola. (JOEY OLHA PARA ELA, DESLIGA A VITROLA) -Eu queria comer alguma coisa! (PAUSA)

JOEY - Eu não sei cozinhar. (APONTANDO PARA MAX) O cozinheiro é êle. (LENNY TRAZ UM COPO DE UISQUE PRA ELA)

LENNY - Quer soda?

RUTH - Que copo é êsse? Não aguento beber nesse copo. Você não tem um tumbler aí?

LENNY - Tem sim.

RUTH - Então me dá um. (ÊLE PEGA O COPO, DERRAMA O UISQUE NUM TUMBLER, TRAZ DE VOLTA PARA ELA)

LENNY - On the rocks? Pure? Straight?

RUTH - On the rocks? Pure? Straight? Entende muito de uisque? (BEBE. LENNY OLHA EM VOLTA PROS OUTROS).

LENNY - Todo mundo bebe?

(VAI À APARADEIRA E SERVE EM ALGUNS COPOS. JOEY SE APROXIMA DE RUTH).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p-64

JOEY - O que é que você quer comer? (RUTH ANDA EM VOLTA DA SALA)

RUTH - (PARA TEDDY) A tua família leu os teus trabalhos de crítica?

MAX - Está aí uma coisa que eu nunca fiz. Nunca li um trabalho dêle.

TEDDY - O senhor não ia entender (LENNY DISTRIBUI DRINQUES)

JOEY - Que espécie de comida você quer? Eu não sou o cozinheiro, tou avisando.

LENNY - Soda, Ted? Ou ao natural?

TEDDY - O senhor não ia entender os meus trabalhos. Não teria a mais longínqua idéia de que é que se trata. Não saberia apreciar os pontos de referência. O senhor é muito atrazado. Aliás, todos aqui. Não tem nenhum sentido eu mandar os meus trabalhos pra vocês lerem. Vocês ficariam perdidos. Não tem nada a ver com a questão de inteligência. É um modo de ser - de ser capaz de encarar o mundo. É uma questão de quanto se é capaz de atuar ou deixar de atuar sôbre as coisas. Quero dizer que é uma questão de capacidade de aliar as duas, relacionar as duas, equilibrar... as duas. Ver, ser capaz de ver! Eu sou o capaz de ver. É porisso que posso escrever ensaios críticos. Talvez fizesse bem a vocês... dar uma olhada nesses trabalhos... ver como certas pessoas encaram... as coisas... como certas pessoas são capazes de manter... o equilíbrio intelectual. Equilíbrio intelectual. Vocês são apenas objetos. Vocês apenas... se mexem. Posso observar isso. Posso ver com exatidão o que vocês fazem. É o mesmo que eu faço. Mas acontece que vocês estão perdidos... nisso. E não vão conseguir que eu... eu não vou me perder.

(BLECAUTE)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p-65

(ÀS LUZES SE ACENDEM. NOITE. TEDDY ESTÁ SENTADO, DE CASACO, AS MALAS PERTO DÊLE. SAM. PAUSA)

SAM - Você se lembra de MacGregor, Teddy?

TEDDY - Mac?

SAM - É.

TEDDY - Claro que lembro.

SAM - O que é que você achava dêle? Você ia com êle?

TEDDY - Ia. Gostava dêle. Por que? (PAUSA)

SAM - Você sabe que você sempre foi meu sobrinho favorito. Sempre. (PAUSA) Quando você escreveu da América, fiquei muito comovido, sabe? Pois é; você tinha escrito pro teu pai, várias vêzes, mas nunca tinha escrito pra mim. Por isso quando eu recebi a tua carta... bem, fiquei muito comovido. Sabe que eu nunca disse nada a êle? Nunca disse que tinha recebido notícias tuas. (PAUSA) (NUM SUSSURO) Teddy, posso te falar uma coisa? Você sempre foi o favorito de tua mãe. Ela me dizia. E era verdade. Você sempre foi... sempre foi o objeto principal de todo o carinho dela. (PAUSA)
Por que você não fica uma semana mais, hein? Podíamos nos divertir um pouco, rir um pouco.

(LENNY ENTRA PELA PORTA DA FRENTE)

LENNY - Ainda está aí, Teddy? Vai chegar atrazado pra aula inaugural. (VAI ATÉ A APARADEIRA, ABRE-A, OLHA DENTRO, PRA ESQUERDA E PRA DIREITA, FICA DE PÉ) Onde é que está minha panqueca? (PAUSA) Alguém comeu a minha panqueca. Guardei aqui. (PARA SAM) Foi você quem roubou?

TEDDY - Fui eu que comi tua panqueca, Lenny! (SILÊNCIO. SAM OLHA OS DOIS, PEGA O CHAPÉU E SAI PELA PORTA DA FRENTE. SILÊNCIO)

LENNY - Você comeu minha panqueca de queijo?

TEDDY - Foi.

LENNY - Eu mesmo fiz essa panqueca. Eu aortei, botei manteiga, descasquei um pedaço de queijo e meti dentro em fatias fininhas. Depois de pronta guardei na aparadeira. Fiz isso tudo antes de sair. Agora volto e você comeu.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120,p-66

62

TEDDY - Pois é, e o que é que você vai fazer agora?

LENNY - Estou esperando que você peça desculpa.

TEDDY - Mas, eu fiz de propósito, Lenny!

LENNY - Você quer dizer que não tropeçou nela por acaso?

TEDDY - Não; eu vi quando você a colocou alí. Eu estava com fome, comi. (PAUSA)

LENNY - É audacioso e descarado. (PAUSA) O que levou você a ficar tão... vingativo contra teu próprio irmão? Estou... perplexo. (PAUSA) Bem, Ted, pode-se dizer que agora estamos perto da verdade nua e crua, não é assim? Aquêle negócio, você sabe - cartas na mesa. Quero dizer com isso que atingimos àquêle ponto em que não há volta, em que nada pode deixar de ser feito ou dito. Ou existe outra maneira de se interpretar? Aproveitar o momento em que teu irmão mais nôvo saiu para fazer um biscate e roubar a panqueca de queijo que êle fêz especialmente, isso não é equívoco, isso é inequívoco (PAUSA) E com Joey, como é? Acho que você não ia resistir, ia, acho que não ia não, hein, se a xícara de chá de Joey estivesse aí na tua frente? Você enchia ela de açucar ou não enchia? Uma piada. Você sabe que êle não toma chá com açucar. Afinal de contas, Joey é o nosso caçulinha. Você tem que ser legal. Tudo somado e contado êle é o benjamim da família. Já imaginou êle chegando aí, pôdre depois de dez rounds cravados, vai tomar um gole de um chá bem merecido e o que é que descobre? Que encheram o chá com a pôrra de um açucar! Eu te pergunto: ende é que está a justiça nisso? É legal? (PAUSA) Sabe de uma coisa, eu diria que você ficou um pouco mais carrancudo nesses seis anos. Um pouco mais. Carrancudo, é. Um pouco pra dentro. Menos generoso. E é engraçado, porque eu achava que nos Estados Unidos da América, quer dizer com o sol e tudo, os espaços livres, o espírito da Universidade, você na sua posição, ensinando, conferencista, no centro de tôda vida intelectual de lá, o velho espírito da Universidade, tôda aquela onda social, aquilo tudo, tão estimulante, os teus meninos todos e isso

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.67

tudo, você se divertindo à bessa e além disso as piscinas, os ônibus Greyhound e tudo mais, toneladas de água bem gelada, todo o confôrto daqueles shorts Bermuda e aquilo tudo no velho espírito da Universidade, a qualquer hora do dia e da noite você podendo chegar e pedir um gin holandês, hein, eu tinha certeza de que você devia estar muito mais não muito menos generoso. Porque você precisa saber que é um padrão pra nós, Teddy. A tua família olha lá pra cima onde você está, rapaz, você não sabe pra que, sabe? Pra fazer o melhor que pode afim de seguir o teu exemplo. Por que você é a fonte principal do nosso orgulho. Foi por isso que ficamos tão contentes de ver você voltar, de te dar as boas vindas quando você voltou ao teu... lar. Foi por isso. (PAUSA) E agora você também é um chefe de família, tem três garotoslindos - olha, isso realmente é a fita azul, bota o sêlo de ouro no negócio. Viu como é que o velho ficou orgulhoso, não viu? Papai agora está inchado de orgulho, sabe, não sabe, pois é, agora, porque descobriu que é avô. É o que se pode chamar de imensurável. O velho ainda um pouco caído, já não é tão môço quanto foi um dia, mas o pensamento de três gurís corados correndo pra êle, e chamando vovô provàvelmente foi o maior prazer que lhe deram antes de morrer. É provável até que isso o mate. (PAUSA) Agora escuta aqui, Ted, não é o caso que estejamos vivendo aqui uma vida menos rica do que a que você vive lá. Vivemos uma vida mais fechada. Todos ocupados, naturalmente. Joey ocupado com o boxe, eu ocupado com a minha ocupação, papai ainda joga uma partidinha de pôquer de vez em quando, sem falar na comida, que é êle que faz, no mesmo padrão de sempre, e o Tio Sam é o melhor chofer da firma. Apesar dessas diferenças tôdas, formamos uma unidade sólida, Teddy. E você é parte integral dessa unidade. Quando de noite sentamos no quintal e ficamos lá batendo um papo ao ar livre, tem sempre uma cadeira vazia na roda, cadeira que é

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p-68

de fato a tua. E assim, quando depois de muito tempo você volta, o que nós esperamos é uma fagulha da graça, um pouco de je ne sais quois, um pouco de generosidade intelectual, um pouco de liberalidade de espírito, para nos reassegurar. É isso que nós esperamos. Mas é isso que recebemos? Recebemos isso? Foi isso que você nos deu? (PAUSA)

TEDDY - Foi. (JOEY DESCE A ESCADA E ENTRA NA SALA COM UM JORNAL)

LENNY - (PARA JOEY) Como é que foi o negócio lá?

JOEY - Ah, não foi mal.

LENNY - O que é que você quer dizer? (PAUSA) O que é que você quer dizer?

JOEY - Que não foi mal.

LENNY - E eu quero saber o que é que você quer dizer com - não foi mal.

JOEY - O que é que você tem com isso?

LENNY - Joey, conta tudo pro seu irmãozinho.

JOEY - Eu não consegui acabar.

LENNY - Não conseguiu acabar? (PAUSA. COM ÊNFASE) Você não conseguiu acabar? Mas, ficou duas horas com ela lá em cima.

JOEY - E daí?

LENNY - Depois de duas horas com ela lá em cima você não conseguiu acabar?

JOEY - E o que é que tem isso?

LENNY - (SE APROXIMA DÊLE) O que é que você está me dizendo?

JOEY - Dizendo o que?

LENNY - Você está querendo me dizer que ela não funciona? (PAUSA). Como é que é o tipo, diz; faz que dá mas não dá? É dessas? Fala com teu irmãozinho. (PAUSA) Que é que você diz disso, Teddy? Tua mulher se revelou uma negaça. Joey ficou com ela lá em cima duas horas e não conseguiu chegar até o fim.

JOEY - Eu não disse que foi isso.

LENNY - Você está brincando? Conheço o tipo! Suga tudo e não dá nada em troca.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.69

TEDDY - Joey talvêz não tenha experiência.

LENNY - Joey não tem experiência? Não seja bôbo. Já comeu mais mulher do que você bolacha. É irresistível. Pertence a uma minoria privilegiada. Conta pra êle como é que foi com aquêle brôto que você comeu, Joey.

JOEY - Que brôto?

LENNY - Aquêle último! Quando nós távamos com a Alfa...

JOEY - Oh, aquêle... sim... bom, nós távamos no carro de Lenny uma noite da semana passada...

LENNY - Na Alfa Romeu.

JOEY - Pois é... lá íamos nós... dando uma incerta na noite.

LENNY - Alí em cima, perto do Scrubs.

JOEY - Um pouco adiante do Scrubs, é.

LENNY - Estávamos fazendo um pequeno contrôle da zona em questão, North Paddington, você sabe.

JOEY - E aí... era bem tarde, não era não?

LENNY - É, bem tarde. Vai, conta. (PAUSA)

JOEY - E foi então que vimos... junto do meio fio, o tal carro estacionado, com duas garôtas bem boas lá dentro.

LENNY - E os respectivos.

JOEY - É, mas o importante eram as duas pistoleiras. Então... (PAUSA) O que é que nós fizemos?

LENNY - Paramos o carro e saltamos.

JOEY - Ah, foi... saltamos... e com tôda delicadeza... intimamos os dois caras... os dois acompanhantes... a andar... o que êles fizeram logo... e nós aí... tiramos as pequenas de dentro do carro...

LENNY - Mas não levamos elas pro Scrubs, não senhor.

JOEY - Ah, não. Pro Scrubs nunca. Lá a polícia teria nos pegado... não vê logo? Arrastamos o gado prum local bombardeado.

LENNY - Tudo cascalho, sabe? Pois foi alí mesmo, no cascalho.

JOEY - É mesmo. Cascalho paca. (PAUSA) E aí... sabe como é... nós papamos elas.

LENNY - Você pulou o pedaço melhor. Pôxa, êle pulou o melhor pedaço.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p-70

JOEY - Que pedaço?

LENNY - (PARA TEDDY) O brôto se virou pra êle e disse, eu não me importo, eu dou, mas preciso de uma coisa... de uma proteção. Preciso de uma proteção anti-concepcional. E você acha que eu ando com êsses troços no bôlso, o velho Joey respondeu. Nesse caso o papo furou, disse o brôto, sem isso eu não vou. Olha aqui menina - o Joey respondeu então- o que eu vou fazer com você já é anti-concepcional (LENNY RI) Até o brôto que estava comigo caiu na gargalhada quando ouviu essa do Joey. Verdade, até ela morreu de rir. Isso pra te mostrar que o nosso velho irmãozinho não é de parar no meio não, quando mete uma primeira êle vai em frente. Não vai dizer o contrário. E de repente êle fica duas horas lá em cima com a tua mulher e não consegue acabar. Olha, Ted, pra mim teu mulher é uma rameira negaceadora, ninguém me tira da cabeça. Diz a verdade, Joey. Você satisfeito? Não vai me dizer que ficou satisfeito, sem chegar até o fim. (PAUSA)

JOEY - Pôxa, eu já cheguei até o fim tantas vêzes... tem ocasiões que a gente fica satisfeito... sem ir até o fim. Muitas vêzes... a gente fica pérfeitamente satisfeito... sem acabar. Fica.

(LENNY OLHA PRA ÊLE. MAX E SAM ENTRAM PELA PORTA DA FRENTE)

MAX - Onde é que está essa puta? Na cama ainda? Vai nos transformar a todos em verdadeiros animais.

LENNY - A mulherzinha é da negaça.

MAX - O que?

LENNY - Conseguiu dominar Joey e deixou êle na hora, veja.

MAX - Como é que é?

~~LENNY~~ Teddy - Ficou com Joey lá em cima duas horas e não deixou êle gosar. (PAUSA)

MAX - O meu Joey? Ela fêz isso com o meu Joey? (PAUSA) Fêz isso com o meu caçula? Tch, tch, tch, tch, tch, tch. Como é que você está se sentindo meu filhinho? Você está bem?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p71

JOEY - Claro que estou.

MAX - (PARA TEDDY) Ela faz isso com você também?

TEDDY - Não.

LENNY - Êle conhece o caminho. Vai até o tutano.

JOEY - Vai nada. (PAUSA)

SAM - Teddy é marido dela! Ruth é mulher dêle, diante da lei e dos homens.

JOEY - Não vai coisa nenhuma! Também não chega até o fim. Eu tou te dizendo. Estou dizendo pra vocês todos, e mato o primeiro que disser o contrário.

MAX - Joey... por que é que você está tão transtornado? (PARA LENNY) É porque ficou frustrado. Você vê o que acontece?

JOEY - Quem ficou o que?

MAX - Joey. Ninguém está contra você. Pelo contrário todos achamos que você tem razão. (PAUSA. MAX SE VOLTA PARA OS OUTROS) =Quer saber de uma coisa? Talvez não seja má idéia ter uma mulher em casa. Talvez até seja uma boa coisa. Quem sabe? Quem sabe a gente devia ficar com ela (PAUSA). Podíamos perguntar se ela quer ficar. (PAUSA)

TEDDY - Receio que não, papai. Ela não está bem, e temos que voltar pra casa. As crianças...

MAX - Não está bem? Mas eu já lhe disse que estou acostumado a tratar de gente que não está bem. Deixa comigo, não se preocupe. Acho que devíamos ficar com ela (PAUSA).

SAM - Não seja imbecil.

MAX - Quem é imbecil?

SAM - Está falando besteira.

MAX - Eu?

SAM - Ela tem três filhos.

MAX - Pois pode ter mais! Aqui. Já que é tão fogosa.

TEDDY - Ela não quer mais nenhum.

MAX - O que é que você sabe das querências dela, hein, Ted?

TEDDY - (SORRINDO) O melhor pra ela é voltar pra casa comigo, papai. Realmente é. Nós somos casados, você sabe. (MAX ANDA EM VOLTA DA SALA, ESTALA OS DEDOS)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p-72

MAX - Naturalmente, temos que pagar alguma coisa a ela. Vocês percebem isso? Não podemos deixá-la andando por aí sem uns trocados. Terá que receber um pequena mesada.

JOEY - Claro que temos que pagar. Não se pode deixar uma mulher andando por aí sem uns níqueis pra comprar um par de meias. (PAUSA)

LENNY - E de onde é que vai sair o dinheiro?

MAX - Bem, quanto é que ela vale? Você acha que chega a seis algarismos? O que ela vale, digo?

LENNY - Eu lhe perguntei de onde é que vai sair o dinheiro? Vai ser mais uma bôca pra alimentar. Mais um corpo pra vestir. Morou?

JOEY - As roupas eu compro.

LENNY - Com que?

JOEY - Economizo uma parte do ordenado.

MAX - É isso. Passamos o pires e o problema está resolvido. Ela terá a sua mesada. Somos todos adultos, temos senso de responsabilidade. Cada um de nós põe uma contribuição no pires. É democrático!

LENNY - Mas há um pequeno quid nessa questão, meu pai. (PAUSA). Quero dizer, ela não é uma mulher habituada a andar vestida com roupas de segunda-mão. Está acostumada à última moda. Vocês não iam querer ela andando por aí vestida com roupas que não a mostrassem na sua melhor forma, falei bem?

MAX - Lenny, você se importa que eu faça um pequeno comentário? Que, aliás, não pretende ser um comentário crítico. Acho que você está se concentrando excessivamente nas considerações de caráter econômico. Mas, há outras considerações. Há as considerações humanas. Compreende o que eu quero dizer? Há as considerações humanas. Não se esqueça disso.

LENNY - Não me esqueço.

MAX - Pois não se esqueça. (PAUSA) Escuta, acho que temos capacidade para tratá-la, pelo menos aproximadamente, da maneira a que ela está acostumada. Afinal, não é uma mulher da rua, é minha nora.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p-73

JOEY - Isso é verdade.

MAX - Pois, então, aqui estamos nós, não é mesmo? Joey dá uma parte, Sam dá outra... (SAM OLHA PRA ÊLE) Eu boto algum da minha aposentadoria, Lenny também desencava algum. E estamos rindo. E você, Teddy? Quanto é que você põe no bôlo?

TEDDY - Eu não ponho nada em bôlo nenhum.

MAX - O que? Você não vai ajudar a sustentar sua própria mulher? E eu pensando que êle era meu filho. Que porcalhão escrôto. Tua mãe morria de desgôsto se ouvisse você tomar uma atitude dessas.

LENNY - Hey, papai. (LENNY AVANÇA) Tive uma idéia melhor.

MAX - Qual?

LENNY - Não há necessidade da gente arcar com essa despesa tôda. Eu conheço essas mulheres. Quando se soltam arruinam qualquer orçamento. Tenho uma idéia melhor. Por que não levo ela comigo pra Rua do Grego? (PAUSA)

MAX - Quer dizer, botar ela na jogada? (PAUSA) É. Botamos ela na jogada! Sabe que é um golpe de gênio, uma idéia maravilhosa? Ela ganha o seu próprio dinheiro - deitada de costas.

LENNY - Isso.

MAX - Formidável. Só que, não podem ser muitas horas. Não quero ela fora de casa a noite inteira.

LENNY - Ah, não. Eu limito o horário.

MAX - Quantas horas?

LENNY - Quatro horas por noite.

MAX - (DUVIDANDO) Você acha que chega?

LENNY - Ô, vai fazer uma boa nota! Quatro horas tôda noite!

MAX - Bem, você deve saber. O que é preciso ficar bem claro é que a última coisa que qualquer um de nós deseja é esgotar a menina. Ela também vai ter obrigações domésticas. Então, botamos ela na rua do Grego?

LENNY - Não tem que ser exatamente nessa rua, papai. Tenho uma porção de apartamentos alí em volta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0620,p-74

MAX - Você tem? Mas, então, e eu? Por que não me dá um?

LENNY - Você está brocha, papai.

JOEY - Hei, espera um instante, eu fui consultado?

MAX - Deixa disso, Joey, Lenny sabe o que está fazendo. Lenny está propondo uma maneira dela pagar as próprias despesas. Que é que você acha, Teddy? Isso resolve nossos problemas todos.

JOEY - Hei, espera aí, não quero repartir ela com ninguém.

MAX - Que é que você disse?

JOEY - Não quero dividir ela com uma porção de vagabundos!

MAX - Vagabundos! A arrogância do bofe! Que arrogância. (PARA LENNY) -Você vai oferecer a moça a vagabundos?

LENNY - A minha clientela é da maior distinção, Joey. Gente mais distinta do que você jamais será na tua vida.

MAX - Portanto você devia dar graças a Deus de nós te incluirmos.

JOEY - Eu não pensei que ia ter que repartir ela.

MAX - Pois é, mas tem. Do contrário ela vai direto de volta pra América. Compreendeu? (PAUSA) A coisa já é bastante complicada, não vem meter tua colher no meio. Pois tem um negócio que está me preocupando. Se, por exemplo, ela não corresponder ao que esperamos. Hein? Teddy, você é o melhor juíz. Você acha que ela corresponde? (PAUSA) (PARA TEDDY) -Vou falar claro, não te ofende, mas êsse negócio de faz que dá mas não dá é a sério, ou como é que é? Já é um hábito? Porque se é assim não adianta nada.(PAUSA)

TEDDY - Nada disso. É a maneira dela... na cama. Gosta de brincar, ... acho que é só isso. Gosta muito de demorar... nos preparativos do ato.

MAX - Duas horas inteiras? Pôrra!

LENNY - Acho que não precisamos nos preocupar tanto com essa questão de demora, papai.

MAX - Como assim?

LENNY - Estou lhe dando a minha opinião profissional.

MAX - Ah,bom,sé é assim.O mundo tem mudado.Talvez eu esteja ultrapassado.(LENNY VAI ATÉ TEDDY)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.75

LENNY - Olha Teddy, você bem que podia nos ajudar, podia mesmo. Eu mandava uns cartões, pra você, na América... cartões direitos, alinhados, só com um nome, um telefone, muito discretos, bem, você pegava e distribuia... pra gente amiga que vai viajar, conhecer aqui o nosso Império Britânico. Naturalmente, você recebia a sua porcentagem.

MAX - É claro que você não precisa dizer a ninguém que ela é tua mulher.

LENNY - Chamamos ela de outra coisa qualquer. Dolores, ou coisa assim.

MAX - Ou Mariquita Espanhola.

LENNY - Não, a coisa tem que ser mais sofisticada, papai, estou pensando. Temos que botar nela um nome suave... como Cíntia... ou Rondiana. (PAUSA)

JOEY - Rondiana (PAUSA)

LENNY - Mas, o que eu estava dizendo, Teddy, é que você deve conhecer uma porção de professores, diretores de departamentos, universitários ricos, gente assim. Quando êles vêm até aqui para passar uma semana no Savoy, naturalmente, querem dar uma boa metida. E quem estaria em posição melhor do que você pra dar informações especiais, íntimas?

MAX - Claro, você pode dar detalhes... sabe, né, as coisas que ela gosta de fazer. Até onde ela pode satisfazer a fantasia e os caprichos dos clientes. Hein, Lenny? Até onde ela pode variar. Se você não sabe quem é que vai saber? (PAUSA) Aposto com você que em menos de dois meses tem uma lista de gente esperando.

LENNY - Você podia ser nosso representante nos Estados Unidos.

MAX - Naturalmente. Devemos pensar em escala internacional. Quando estivermos organizados a Pan-American até nos dá desconto. (PAUSA).

TEDDY - Ela vai ficar velha... muito depressa!

MAX - Não... não nos dias de hoje, nesta época! Existe a assistência médica obrigatória! Velha! Por que iria ficar velha?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.76

Vai levar a vida que pediu a Deus.

(RUTH DESCE A ESCADA VESTIDA. ENTRA NA SALA. SORRI PARA O GRUPO, SENTA. SILÊNCIO).

TEDDY - Ruth... a família está convidando você pra ficar aqui, mais algum tempo. Como uma... como uma espécie de hóspede. Se você gosta da idéia eu não me importo. Organizamos tudo direitinho lá em casa, não vai haver nenhuma dificuldade... até você voltar.

RUTH - Que simpático da parte dêles (PAUSA)

MAX - É um convite feito de todo o coração.

RUTH - É muita bondade de vocês,

MAX - Ora... seria um prazer pra nós. (PAUSA)

RUTH - Mas eu ida dar muito trabalho.

MAX - Trabalho? Você não está falando sério. Que trabalho? Olha, vou te dizer uma coisa. Depois que a pobre Jéssie morreu, hein, Sam, não teve mais mulher nenhuma nesta casa. Nem uma. Aqui dentro nem uma. E vou te dizer porque. É que a memória da mãe dêles era tão preciosa que qualquer outra mulher a teria... conspurcado. Mas você... Ruth... você não só é simpática e bonita, como é parenta. Você é nosso sangue, agora. Pertence à família. (PAUSA)

RUTH - Estou muito comovida.

MAX - Claro que você deve estar comovida. Eu estou. (PAUSA)

TEDDY - Mas Ruth, preciso te dizer... que você vai ter que dar uma ajudazinha, se ficar. Digo financeiramente. A situação de papai não é lá muito brilhante, agora.

RUTH - (PARA MAX) Ah, que pena!

MAX - Mas não é nada, Ruth. O que você teria que ajudar era uma coisa à tôa. Só um dinheirinho de vez em quando. Coisa pouca. Bobagem. Só enquanto esperamos Joey entrar pro ranking do primeiro time de boxe, não demora. Quando Joey estiver no alto, bem... (PAUSA)

TEDDY - Ou pode voltar pra casa comigo.

LENNY - Te arranjamos um apartamento. (PAUSA)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,P-77

RUTH - Um apartamento?

LENNY - É. Um apartamento.

RUTH - Onde?

LENNY - Na cidade. (PAUSA) Mas você vai morar aqui conosco.

MAX - Claro que vai. O teu lugar é aqui. No seio da família.

LENNY - O apartamento lá, você ocupa só algumas horas durante a noite, só isso.

MAX - Apenas algumas horas durante a noite, só isso. Só isso.

LENNY - Pra ganhar dinheiro necessário pra te manter aqui.(PAUSA)

RUTH - Quantos cômodos tem o tal apartamento?

LENNY - Poucos.

RUTH - Eu quero pelo menos dois quartos, uma sala e banheiro.

LENNY - Você não precisar de dois quartos, uma sala e banheiro.

MAX - Banheiro precisa.

LENNY - Mas, o resto, dois quartos e uma sala?

RUTH - Ah, preciso. Preciso mesmo.

LENNY - Um quarto e uma sala não dá?

RUTH - Não dá não. (PAUSA) Eu quero um quarto de vestir, um living e um quarto de dormir. (PAUSA).

LENNY - Tá bem, eu te arranjo um apartamento com isso tudo.

RUTH - Com êsses cômodos todos assim direitinho, mobiliado?

LENNY - Você vai ver.

RUTH - Uma empregada só para mim.

LENNY - Natural (PAUSA) Em suma, nós te financiamos no comêço e quando estiver estabelecida você nos paga em prestações.

RUTH - AH, não, de maneira alguma - isso não.

LENNY - Mas como?

RUTH - Vocês teriam que aceitar tôdas as despesas iniciais como um investimento de capital. (PAUSA)

LENNY - Percebo. Tá certo.

RUTH - Fornecem também meu guarda-roupa, naturalmente.

LENNY - Fornecemos tudo. Tudo que você precisar.

RUTH - Hiii! Eu preciso tanta coisa. E se não tiver tudo do que preciso eu não fico contente, não é mesmo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.78

LENNY - Vai ter tudo.

RUTH - Então eu vou ver tudo que preciso e faço um relatório pra vocês assinarem na presença de testemunhas.

LENNY - Naturalmente.

RUTH - Todos os aspectos do acôrdo e as condições da minha manutenção e respectiva prestação de serviços terão que ficar bem claros no contrato, para nossa mútua satisfação.

LENNY - Mas é evidente. (PAUSA)

RUTH - Quer saber de uma coisa - é um acôrdo que pode funcionar muito bem.

LENNY - Eu acho.

MAX - E você fica com o dia todo livre, naturalmente, Se quisesse até podia cozinhar um pouco aqui pra nós. Se quisesse.

LENNY - Fazer as camas.

MAX - Limpar um pouco isso aí tudo que anda uma nojeira.

TEDDY - Fazer companhia a todos. (SAM AVANÇA)

SAM - (DE UM JATO) MacGregor comeu Jéssie no banco de trás do táxi enquanto eu dirigia. (GEME E CAI.FICA INERTE.TODOS OLHAM PRA ÊLE)

MAX - Mas o que é que êle está fazendo? Resolveu morrer?

LENNY - É.

MAX - Um cadáver? Um cadáver no meu chão? Botem êle pra fora! Limpem isso daqui! (JOEY SE CURVA SÔBRE SAM)

JOEY - Não está morto.

LENNY - Mas deu uma morrida, pelos menos uns trinta segundos.

MAX - Nem de morrer é capaz! (LENNY OLHA SAM NO CHÃO)

LENNY - É sim, ainda respira.

MAX - (APONTANDO PARA SAM) Sabe o que é que êle tinha?

LENNY - Tem.

MAX - Tem! Uma imaginação doente. (PAUSA)

RUTH - Acho a idéia realmente sedutora.

MAX - Você quer discutir os detalhes agora ou prefere deixar pra mais tarde?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p-79

RUTH - Não, não - mais tarde. (TEDDY SE LEVANTA. OLHA PARA SAM)

TEDDY - Eu ia pedir pra êle me levar ao aeroporto. (VAI ATÉ AS MALAS, LEVANTA UMA) -Olha, Ruth, deixo a tua aí. Vou ter que ir a pé até o metrô.

MAX - Mas, não, se você fôr pro outro lado, a primeira à esquerda, a primeira à direita, não esquece, você encontra um táxi com facilidade.

TEDDY - Ah, então eu anda pra lá.

MAX - Ou, se preferir pega o trem até Picadilly, não leva nem dez minutos. E dalí então você vai de táxi até o aeroporto.

TEDDY - Talvez seja melhor assim.

MAX - Agora tem uma coisa, vão te cobrar bandeirada dupla. Vai ter que pagar o retôrno. É fora do perímetro urbano.

TEDDY - Tá bem, não tem importância. Bom, então, adeus, papai. Te cuida, hein? (APÊRTO DE MÃOS)

MAX - Muito obrigado, meu filho. Olha, quero te dizer uma coisa. Foi fabuloso ver você de nôvo, sabe? (PAUSA)

TEDDY - É o que eu digo, papai. Foi fabuloso ver o senhor de nôvo.

MAX - Os teus meninos sabem alguma coisa a meu respeito, hein? Será que êles iam gostar de ter uma fotografia do avô? Que é que você acha?

TEDDY - Puxa! (MAX TIRA A CARTEIRA)

MAX - Tenho uma aqui. Onde é que foi? Um minutinho. Ah, taquí êle. Será que os meninos vão gostar dessa?

TEDDY - (PEGA A FOTO) Vão vibrar. (SE VIRA PARA LENNY) -Adeus Lenny. (APÊRTO DE MÃO)

LENNY - Tá, tá, Ted. Foi bom ver você. Boa viagem.

TEDDY - By. by Joey. (JOEY NÃO SE MEXE)

JOEY - Tá, tá Teddy. (TEDDY SE DIRIGE À PORTA DA FRENTE)

RUTH - Eddie. (TEDDY SE VOLTA) Não quero que você se torne um estranho. (TEDDY SAI, FECHA A PORTA DA FRENTE. SILÊNCIO. OS TRÊS HOMENS FICAM DE PÉ. RUTH SE SENTA, À VONTADE, NA CADEIRA. SAM CONTINUA NO CHÃO. JOEY ANDA, LENTO, ATRAVES-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.80

SANDO A SALA, SE AJOELHA JUNTO DELA. ELA LHE TOCA A CABEÇA DELICADAMENTE. ÊLE PÕE A CABEÇA NO COLO DELA. MAX COMEÇA A ANDAR UM POUCO ACIMA DÊLES, PRA TRÁS E PRA FRENTE. LENNY ESTÁ DE PÉ, PARADO. MAX SE VOLTA PARA LENNY)

MAX - Estou muito velho, acho. (PAUSA) Ela acha que eu sou um velho. (PAUSA) Eu não sou tão velho. (PAUSA) (PARA RUTH) Você acha que eu sou muito velho pra você? (PAUSA) Escuta aqui, você pensa que vai ficar com êsse bonitão aí o tempo todo, é? Você acha que vai ficar só com êle... só com êle o tempo todo? Você vai ter que dar duro! Vai ter que pegar outros, tá entendendo? (PAUSA) Será que ela entendeu? (PAUSA) Lenny, você acha que ela entendeu bem... (COMEÇA A GAGUEJAR) Onde é... que... que... que.. nnnós... estamos? O que é... que... quuuee... estão pensando? Você acha que ela entendeu beeem claro? (PAUSA) Eu acho que não entendeu não. (PAUSA) Você entende o que eu estou dizendo? Tão me escutando, estou com a idéia de que ela vai fazer uma sujeira conosco, quanto querem apostar? Ela vai se servir, vai se servir de nós todos, quem avisa amigo é! Estou cheirando isso no ar. Querem apostar? (PAUSA) Ela não é... adaptável! (CAI DE JOELHOS, SOLUÇA, COMEÇA A GEMER, CHORA. PARA DE SOLUÇAR, ENGATINHA, PASSA PELO CORPO DE SAM ATÉ ATINGIR O OUTRO LADO DA CADEIRA DELA) Eu não sou um velho. (OLHA PRA CIMA PRA ELA) Está me escutando? (ERGUE O ROSTO PRA ELA) Me dá um beijo. (ELA CONTINUA A ACARICIAR A CABEÇA DE JOEY, BEM DE LEVE. LENNY CONTINUA DE PÉ, OBSERVANDO)

C O R T I N A

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.81

Fim

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, P-82

009960 19FEV68

URGENTE

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL — GB
SEÇÃO DE CENSURA FEDERAL - DR/GB

Of. nº 045 Em 15 de fevereiro de 1 968

Do Chefe da Seção de Censura Federal - DR/GB
Ao Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas - DPF -
Assunto : encaminha processo " A VOLTA AO LAR "

Juntar ao processo da peça. Em 19/2/68

Senhor Chefe,

Conforme determinação de V.Sa., pelo telefone, encaminho a êsse SCDP., os documentos relativos à peça teatral "A VOLTA AO LAR", abaixo discriminados:

1) - cópia do certificado expedido;
2) - despacho do Chefe da Seção de Censura Federal DR/GB;
3) - parecer da Censora Marina de Mello Ferreira, c/data de 21/3/67 (2 fôlhas);
4) - parecer do Censor Walter Sá Pereira de Mello, datado de 29/3/67;
5) - parecer do Cesnor - Guilherme de Sena Varjão, datado / de 3/4/67;
6- - parecer da Censora Marina de Mello Ferreira, datado de 7/6/67;
7 - parecer do Censor Walter Sá Pereira de Mello, datado / de 7/6/67 e,
8 - parecer do Censor - Guilherme de Sena Varjão, com data de 7/6/67.

Ao ensejo reitero a V.Sa. os protestos de minha elevado estima e distinta consideração.

Chefe da Seção de Censura Federal
DR/GB

SRA. - DA. - D. F. S. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p-83

COPIA

M. J. — D. P. F. — DELEGACIA REGIONAL — GB

DESPACHO

Não aceita esta Chefia em princípio, o uso da chamada linguagem pesada nos espetáculos teatrais.

2. É obrigada, porém, no presente caso, a atender as ponderações que fazem os três censores nos respectivos pareceres, todos êles/ aprovando a peça, depois de lerem o texto e assistirem ao ensaio geral, com a classificação de "proibida para menores até 18 anos e para televisão".

3. Nesta oportunidade, lembro aos Censores que a decisão da Censura só deverá ser dada aos interessados aqui, evitando-se assim uma série de problemas, discussões com empresários, críticas da / imprensa etc.

4. Lembro, ainda, que a orientação do Senhor Chefe do S.C.D.P. é no sentido de que as peças sejam escoimadas de certos palavreados e que assim deveremos agir, doravante, inclusive porque o certificado que expedirmos deverá valer para todo o território nacional, o que não me permite fazer em relação à peça em exame que, a meu ver, só poderá ser representada, como está escrita, no Rio e em/ São Paulo. Expeça-se, pois, certificado com um ano de validade e apenas para a Guanabara, para evitar problemas à Censura Federal nos demais Estados.

A classificação é óbvia: proibida para menores até 18 anos e para televisão.

Em, 8.7.1967

Assinado: José Leite Ottati
Chefe da S.C.F.-DPF-DR/GB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p.84

Regional-GB

PARECER

"A VOLTA AO LAR"

(Homecoming)

O tetrólogo inglês Harold Pinter construiu um drama doméstico dentro de uma lógica do instinto, de impulsos sem contrôle, enquanto desafia as normas da família e da sociedade.

A linguagem não é o principal interêsse da obra, mas, simplesmente, o contato que faz funcionar a ação. Si fôsse possível dimensionar os sentimentos humanos ou submetê-los a um esquema apriorístico, então a palavra seria importante para conceituar uma peça teatral através do diálogo. Sucede, porém, que, na obra de Pinter, o importante é a exposição crúa de situações que fogem ao convencional. O entrecho explode em vida como si o homem já estivesse totalmente despojado de todos os vínculos que o prendem à moral estabelecida e à própria estrutura da sociedade organizada.

A figura de Max, personagem central, poderá ser definida como do "herói sem caráter", e, assim, êle transita no cenário como si fôsse um inocente diante das coisas e dos fatos que julga naturalíssimos, como o incesto, a prostituição, as aberrações sexuais, a promiscuidade do amor, e tudo isso sem estar deliberadamente conspirando contra o direito conceitual da Inglaterra. A palavra é, pois, o instrumento de comunicação natural dessa atitude diante de uma faceta da vida. Não importa que ela seja rude, capaz de ferir aqueles que não estão dentro da essência das coisas. Uma vez, entretanto, integrados na ação dramática, diga-se de passagem, de grande audácia, os espectadores poderão sentir a naturalidade das expressões extravasadas pelos personagens. Existe, é claro, um problema de idioma. Termos violentos em português talvez tragam maior carga de obcenidade do que no seu original inglês, muito mais limitado em suas expressões verbais, No entanto, o que mais se destaca na peça de Pinter é o amoralismo tácitamente declarado em que cinco personagens se ferem entre o ódio, o amor, a sobrevivência, sobrepujando até mesmo os mais primitivos instintos de posse e de organização familiar.

Não importa a Teddy, o marido de Ruth, que sua esposa seja usada pelo pai e seus irmãos. A concepção de determinismo do autor leva Ruth a ceder sem reação.

- segue -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p. 85

CÓPIA

Delegacia Regional - D.P.F. SEÇÃO CENSURA FEDERAL

080-GB

PEÇA - VOLTA AO LAR

AUTOR - HAROLD PINTER

PROIBIDO PARA MENORES ATÉ 18	24	JULHO	68
ANOS E PARA TELE VISÃO.	24	JULHO	67

A. ROMERO LAGO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.86

080-GB

PEÇAS TEATRAIS

080-GB 01 da PEÇA

"A VOLTA AO LAR" (The Homecoming)

TORRES E BRITO PRODUÇÕES DE CENA LTDA.

TRADUTOR - MILLOR FERNANDES

01 24 JULHO 67

de acôrdo com o a peça ITEM 7, PARÁGRAFO 1º DA PORTARIA NºSCDP-11/67, FÔSSE LIBERADA COM A PROIBIÇÃO PARA MENORES ATÉ 18 ANOS E PARA TELEVISÃO, PARA APRESENTAÇÃO, APENAS, PARA O ESTADO DA GUANABARA, DE ACÔRDO COM OS PARECERES DOS CENSORES.

ESTADO DA GUANABARA, 24 JULHO 67

JOSÉ LEITE OTTATI
CHEFE DA SCF-DR-DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.87

M. J. N. I. — D. F. S. P. — DELEGACIA REGIONAL — GB

Após um confronto com o original em inglês e a tradução de Millor Fernandes e pressentindo a consciência profissional do elenco responsável pelo nível do espetáculo, julgo que a peça de Harold Pinter possa ser representada no Brasil, como já o foi em outros países aos quais estamos vinculados pelos mesmos princípios de arte, cultura, hereditariedade, educação e meio social. Creio que algumas das expressões serão eliminadas no decorrer dos ensaios, quando, então, a censura estará presente, e que se proíba o espetáculo para menores até 18 anos.

Em 21 de Março de 1967

Marina de Mello Ferreira
Chefe da T.C.-DR/GB
D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p-88

COPIA

D.P.F. Delegacia Regional SEÇÃO CENSURA REGIONAL

M. J. — D. P. F. — DELEGACIA REGIONAL — GB

RETORNO AO LAR Auter: Harold Pinter

O que encerra, traduz e transmite, já foi objeto de minucioso estudo focalizado no parecer do Censor Marina de Mello Ferreira.

Seu enredo de uma autenticidade realista traduz/ em certos trechos, na dureza de seus diálogos, todo o drama que encerra aquela história.

Uma entrevista preliminar com o diretor responsável pelo espetáculo serviu para ser conhecida a linha a ser imprimida aos personagens independente de ocasionais mudanças até a / montagem final do espetáculo.

O ensaio geral servirá para ser aquilatado o equilibrio texto/montagem/representação.

S.M.J.

Em, 29 de março de 1967

Assinado: Walter Mello

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p-89

CÓPIA

M. J. — D. P. F. — DELEGACIA REGIONAL — GB

D.P.F.-GB-Delegacia Regional-
SEÇÃO CENSURA FEDERAL

PARECER

A VOLTA AO LAR

A peça, de autoria do norte-americano Harold Pinter e presentemente em cena em Nova Iorque, Londres e Paris, conta a estória de um açougueiro londrino, viúvo e aposentado, que vive em companhia de dois ~~irmãos~~ de seus três filhos, ambos solteiros, além de um irmão também celibatário. Seu modus vivendi é modificado pela volta ao lar de um terceiro filho que, em companhia de sua jovem espôsa, resolve passar uma temporada de férias na casa paterna. Ruth, a jovem e exuberante nora, tráz / para o velho Max o retôrno de sua Jessie, prostituta e leviana; é o fantasma dos tempos idos que desenterra uma série de fenômenos psico-sociais na pequena coletividade. E Teddy voltará sòzinho para os EE.UU. e agenciará turistas velhos e ricos para a / família.

De grande conteúdo psicológico, a peça "A VOLTA AO LAR", de mensagem e texto fortes, sòmente deve ser assistida por um público adulto. Algumas de suas expressões mais fortes devem ser modificadas ou mesmo cortadas, ficando qualquer / definição sôbre o assunto ser adotada após assistirmos o seu ensaio.

Dezoito anos, com alguns cortes, é o nosso / parecer sôbre a peça em tela.

03/04/67

Assinado: Guilherme de Sena Varjão

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p. 90

COPIA

M. J. — D. P. F. — DELEGACIA REGIONAL — GB

D.P.F. - GB - Delegacia Regional
SEÇÃO CENSURA FEDERAL

PARECER

A ausência de sentido convencional de moralidade dêste estranho drama doméstico, justifica a liberdade de linguagem que aparece, no decorrer de "A VOLTA AO LAR", como o instrumento de comunicação natural entre os personagens que integram a família/ do açougueiro, viuvo de uma prostituta. Muito mais importantes / são as situações e os conflitos criados pelo autor para definir/ um clima de sensibilidade instintiva, peculiar em cada tipo e, ao mesmo tempo, ligados, definitivamente, pela mesma herança de família.

Depois da apresentação do espetáculo completo de " A = VOLTA AO LAR", em ensaio geral para a censura, mantenho a proibição para menores até 18 anos, de acôrdo com o parecer anteriormente emitido por mim, em 21 de março.

O original de Harold Pinter, respeitado em todos os países altamente civilizados, como criação artística de valor definido, sou de opinião que, também, deva ser representado, em sua versão integral, nos principais centros culturais do Brasil.

Em, 7 de junho de 1967

Assinado: Marina M. Ferreira

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0180, p-91

COPIA

M. J. — D. P. F. — DELEGACIA REGIONAL — GB

D.P.F. - Delegacia Regional - GB
SEÇÃO CENSURA FEDERAL

A VOLTA AO LAR
Autor: Harold Pinter
Tradução: Millor Fernandes
Diretor: Fernando Torres

Parecer : Em aditamento a informação anterior tenho a acrescentar, após assistir dois ensaios gerais da peça em questão, que sua aprovação para o elenco supra citado/ com a restrição de proibida para menores até 18 anos e para/ televisão deve ser condicionada a modificação da fala de Leni quando contando um caso passado com uma velhota declara / que a mesma devia enfiar o rolo no cú. Acho, s.m.j., que a / palavra grifada está mal empregada visto ser o têrmo correto e usual a palavra rabo.

Em 07.06.67

Assinado: Walter Mello

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.92

COPIA

M. J. — D. P. F. — DELEGACIA REGIONAL — GB

D.P.F.-Delegacia Regional-GB
SEÇÃO CENSURA FEDERAL

A VOLTA AO LAR
de Harold Pinter
Tradução de: Miller Fernandes
Diretor: Fernando Tôrres
Predutor: Tôrres e Brito Produções de Cena Ltda.
Teatro: da Praça
Ensaio geral: 6/6/67

Parecer: Em um bairro proletário de Londres, Max, açougueiro aposentado, viuvo de uma prostituta, vive uma existência moral e psiquíca miserável, juntamente com dois, digo, dois/ de seus três filhos e, ainda, com um irmão solteirão. O padrão de compertamento de tal coletividade é quebrado com a visita / do terceiro filho que, vindo dos EE.UU., onde leciona filosofia, tráz em sua companhia a espôsa, ainda desconhecida para os/ demais. Esta, absorvendo rápidamente a vivência ambiente, a êles se amalga.

Peça eminentemente para adultos e portadora de profundo conteudo simbólico, sob o ponto de vista psicológico.

Substituir as expressões "cú", onde houverem, por "rabo" - Suprimir a palavra "CAGALHÃO - Diminuir a intensidade amorosa na cena do sofá.

Imprópria para menores de dezoito anos, respeitadas as restrições acima citadas.

7/6/67

Assinado: Guilherme de Sena Varjão

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p. 93

88

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

A VOLTA AO LAR (The Homecoming)

De HAROLD PINTER (Tradução de Millor Fernandes).

P A R E C E R

A presente peça já foi encenada, em temporada recente, no Teatro Gláucio Gill, na Guanabara. Portanto, deve ter processo arquivado neste SCDP, capaz de ditar a orientação a ser seguida. Sou, portanto, de opinião que se mantenha a mesma impropriedade e feitas as mesmas restrições - se estas existiram - que orientaram a classificação anterior, até porque pareceria um contrasenso um mesmo órgão adotar dois critérios diferentes num mesmo caso.

Quero, porém, ressalvar minha posição no presente caso, para que a mesma conste do processo. Pessoalmente, acho a presente peça flagrantemente imoral e indecorosa. Seu autor, Harold Pinter, embora consagrado na Inglaterra e em outras praças da Europa e América (e agora também no Brasil), transmite ao público, tão sòmente, as experiências de um teatrólogo que até chegar a essa condição foi porteiro, garção, lavador de pratos e vendedor, morando em pensões baratas nas quais o ambiente não podia ser dos melhores. Dessa vivência de baixo nível forjou êle as suas peças e, por conseguinte, só poderia nos transmitir uma experiência como a que nos dá em "A VOLTA AO LAR".

A presente peça contém, no primeiro ato, 19 palavrões e, no segundo, 15. Embora uma camada de falsos intelectuais insista em querer confundir arte com pornografia e indecência, é preciso que tenhamos a coragem de proclamar a pseudo-arte que " A VOLTA AO LAR " representa. Não é possível aceitar um texto que prima por conter expressões de baixo calão (puto, puta, escrôto de merda, pôrra e outras), que estão devidamente grifadas nas páginas 2, 3, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 22, 29, 33, 34, 41 , 45, 49, 52, 53, 54 e 57.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.94

89

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

A VOLTA AO LAR (Continuação de Parecer - 2)

Segundo os analistas da obra de Pinter, êle é um escritor em pleno domínio de uma "técnica sofisticada e lidando com experiências íntimas de tal fôrça que ninguém poderia ignorá-las." Concordo quanto a que ninguém poderia ignorar (ou pelo menos não deverá ignorar) a seqüência pornográfica de um texto sujo como êste de "A VOLTA AO LAR". Mas, discordo que sob o manto de uma pseudo-arte, se obrigue o público ao vexame de assistir cenas e diálogos que só não chocam aqueles que, para penetrar na faixa de "intelectualizados" preferem concordar com tudo o que lhes fôr impingido como "criação artística".

Assim sendo, firmo o presente Parecer em dois aspectos principais: primeiro, o fato de já ter sido a presente peça encenada, e, portanto, já ter contado com o beneplácito da Censura; segundo, a minha opinião pessoal, que poderá ou não ser considerada pela douta Chefia do SCDP.

É o meu parecer.

Brasília, 05 de fevereiro de 1968.

Wilson Garcia

WILSON DE QUEIROZ GARCIA.

Censor Federal, 17.

Esta chefia está plenamente de acôrdo com o voto do censor Wilson Queiroz, no sentido de uma interdição da

Em 6/2/68

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, e-95

Expedir os certificados com cortes nas palavras assinaladas no voto do Senhor Ministro - fls: 2, 3, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 22, 29, 33, 34, 41, 45, 49, 52, 53, 54, e 57, segundo determinações do Senhor Diretor-Geral do D.P.F.

Em 20/2/68

Chefe do SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p-96

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

90 (b)

N.º DE REGISTRO 86/68

TÍTULO [redacted] DA PEÇA: "A VOLTA AO LAR"

TRADUÇÃO DE: MILLOR FERNANDES

[redacted] AUTOR: HAROLD PINTER

Aprovado pelo S. C. D. P. (§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46, e Deoreto 1.134, de 4-6-62)

Válido até 20 de FEVEREIRO de 19 69

Brasília, 20 de FEVEREIRO de 19 68

MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO
Chefe do S. C. D. P.

COM CORTES

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS

Certificado de Censura Cinematográfico

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p. 97

CERTIFICADO N.º 86/68

Certifico que, revendo os livros de registro de ~~filmes cinematográficos~~ PEÇAS TEATRAIS encontrei sob o n.º 86/68, livro -01-, o registro do ~~filme~~ PEÇA denominado "A VOLTA AO LAR"

TRADUÇÃO DE: MILLOR FERNANDES

AUTOR: HAROLD PINTER

~~[illegible]~~

~~[illegible]~~

~~[illegible]~~

com ~~[illegible]~~ -02- cópias, censurado em 20 de FEVEREIRO de 1968.

O Serviço de Censura de Diversões Públicas resolveu que o referido ~~filme~~ PEÇA de acôrdo com o ~~[illegible]~~ ÍTEM 7, PARÁGRAFO 1º, DA PORTARIA Nº 11/67, FÔSSE LIBERADA PARA APRESENTAÇÃO EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL, COM A IMPRÓPRIEDADE DE 18(DEZOITO) ANOS, E COM CORTES DAS PALAVRAS GRIFADAS NAS PÁGINAS 2,3,5,8,9,10,11,12,22,29,33,34,41,45,49,52,53,54 e 57., segundo determinações do Senhor Diretor-Geral do D.P.F.

OBS.: O presente certificado só é válido, quando acompanhado do SCRIPT devidamente carimbado.

Brasília, 20 de FEVEREIRO de 1968

SECRETÁRIO

Chefe da TCTC/SC/SCDP

Departamento de Imprensa Nacional — 21.935

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p. 98

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA

Volta ao lar

CARIMBO DA ESTAÇÃO E DATA

DE: NR. Fls. Dt. Hr.

RECEBIDO DE: .... Às .... Por ....

(97) (2)

Endereço

D. F. S. P. — D.O.P.S.
PROTOCOLO N. 195
Entrada em 15/03/68
Funcionário
Saida em ..../..../....
Funcionário

Juntar ao processo da peça. [assinatura]

BYV

A' PFS.
Em 150368
Portocarrero

DPF B BSB
JUSTICA RIO

DE GAB MINJUSTICA RIO GB NR 318 141145,

CEL FLORIMAR CAMPELLO
DIRETOR-GERAL DPF

TRANSMITO A VOSSA EXCELENCIA INTEIRO TEOR DO DESPACHO DO SENHOR MINISTRO DE ESTADO NO RECURSO INTERPOSTO PELA CIA. TEATRAL TORRES E BRITO PRODUCOES DE CENA LTDA. VG RELATIVAMENTE A PECA ''VOLTA AO LAR'' BIPTS ABRASPAS==== A COMPANHIA TEATRAL TORRES E BRITO PRODUCOES DE CENA LTDA. INCONFORMOU-SE COM OS CORTES QUE O S.C.D.P. IMPOS AA PECA ''VOLTA AO LAR''. REQUER AO MINISTRO DE ESTADO A ANULACAO DESSES CORTES PORQUE OS MESMOS ''TORNAM, QUER ARTISTICA QUER MATERIALMENTE, IMPOSSIVEL A REMONTAGEM'' DA PECA EM SAO PAULO.

A PECA FOI LIBERADA SEM CORTES PELO CERTIFICADO DE CENSURA NR 080/GB, DE 24.7.67, COM VALIDADE POR UM ANO, PARA EXIBICAO APENAS NO ESTADO DA GUANABARA, ONDE PERMANECEU 4 MESES EM CARTAZ.

A REFERIDA COMPANHIA TEATRAL SOLICITOU NOVO CERTIFICADO DE CENSURA AO S.C.D.P., O QUE LHE FOI CONCEDIDO SOB O NR 86/68, EM 20 DE FEVEREIRO ULTIMO, COM LIBERACAO PARA TODO O TERRITORIO NACIONAL, COM A IMPROPRIEDADE DE 18 ANOS E COM CERCA DE 50 CORTES DE PALAVRAS OU ELOCUCOES.

DCT TRÁFEGO MÚTUO - DCT TRÁFEGO MÚTUO - DCT TRÁFE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120, p. 99

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

92

Peça de Teatro: VOLTA AO LAR

- continuação - fls. 2 .

(Telex - De GB MINJUSTIÇA RIO GB NR 318 141145)
(Proc. DPF 195/15.03.68)

VERIFICA-SE , ASSIM, QUE A PECA TEATRAL EM EXAME FOI ENCENADA , DURANTE 4 MESES, NO ESTADO DA GUANABARA, COM AUTORIZACAO DA CENSURA. E NENHUMA PROVIDENCIA FOI ADOTADA PELA AUTORIDADE , QUE CONSENTIU, TACITAMENTE, NA ORIENTACAO ADOTADA PELA CENSURA LOCAL, RAZAO POR QUE NAO POSSO CONSIDERAR A DECISAO COMO ''ATITUDE INSUBORDINADA E DISSONANTE PARA COM A ORIENTACAO DO DIRETOR-GERAL DO D.P.F.

AGORA, CONTUDO, A ESSA PECA TEATRAL SE IMPOEM CORTES, PARA QUE POSSA SER LEVADA EM SAO PAULO, CRITERIO ESTE QUE ENVOLVE EVIDENTE CONTRADICAO.

ANALISANDO O PROCESSO NAO ENCONTRO MOTIVOS PARA MANTER O ATO RECORRIDO. NO ENTANTO, DANDO ACOLHIMENTO AO RECIEEE AO RECURSO, RESOLVO:

A) QUE A PECA ''VOLTA AO LAR'' PODE SER REPRESENTADA EM TODO O TERRITORIO NACIONAL, SEM CORTES, MAS PROIBIDA PARA MENORES DE 21 ANOS PTVG

B) QUE OS PRODUTORES DA PECA E OS SEUS ARTISTAS, COM A RESPONSABILIDADE E A SENSIBILIDADE QUE TEM PARA COM O PUBLICO, DEVERAO ADAPTAR O TEXTO, ELES PROPRIOS, ESCOIMANDO-O DE TERMOS OU EXPRESSOES DESNECESSARIAS , TENDO SEMPRE EM VISTA, NAO DESFIGURAR A INTENCAO DO AUTOR.

(A) LUIS ANTONIO DA GAMA E SILVA
PT FECHASPAS PT ATS/ SDS

HELIO ANTONIO SCARABOTOLO VG CHEFE GABINETE MINISTRO DA JUSTICA.-

Tele: Gab Minjustiça Rio GB
Nº 318 141145

ACK J MARINHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p-100

(93)

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0120,p.101

[illegible] Administração Direta, [illegible] dos serviços integrados na estrutura administrativa da Presidência da República e dos Ministérios.

[illegible] Administração Indireta [illegible] as seguintes categorias [illegible], dotadas de personalidade jurídica própria: [illegible] b) Empresas Públicas [illegible] Sociedades de Economia [illegible]

[illegible] entidades compreendidas na Administração Indireta [illegible] vinculadas ao Ministério [illegible] área de competência [illegible] enquadrada sua [illegible] atividade.

[illegible] Constituição do Brasil e por se enquadrarem aquelas Fundações, sem qualquer sombra de dúvida, no campo de incidência da legislação pertinente às referidas acumulações [illegible] aqueles servidores [illegible] Mandado de Segurança [illegible] juiz [illegible] em consultar [illegible] fundamentado parecer [illegible] segurança impetrada [illegible] a corrente [illegible] artifícios de hermenêutica ou sutilezas de interpretação [illegible] Fundações Públicas [illegible] Direito Administrativo [illegible] mente [illegible] que definem da legislação pertinente ao instituto da acumulação de cargos públicos. E, nesses casos, podem admitir a violação [illegible] ou seja no caso em apreço, infringência de preceito constitucional [illegible] presumiria inviolável.

34. Pelos motivos expostos e sem descer [illegible] pormenores de uma situação funcional [illegible] afigura-se-nos inevitável responder negativamente à consulta formulada que, no entanto, envolvendo problemas especificamente vinculados ao regime jurídico aplicável e melhor adequado aos servidores da Fundação IBGE [illegible] Fundações [illegible] dindo inúmeros servidores no complexo das Fundações instituídas pelo Poder Público, seria exata caracterização [illegible] que não mais justifica controvérsias, perplexidades ou bizantinismos jurídicos.

35. [illegible] de todo conveniente a audiência da Consultoria Jurídica do DASP [illegible] posição diante do advento [illegible] nosso [illegible] pareceres do [illegible] Doutor [illegible]

[illegible] dentro do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e para cuja solução definitiva [illegible] hipótese da equiparação desta Comissão, — o Relator entende ser oportuno e indispensável o pronunciamento final da egrégia Consultoria Geral da República à qual sugere seja encaminhado o processo anexo.

É o parecer, s. m. j.

C. A. C., 19 de janeiro de 1968. — *José Maria dos Santos Araújo Cavalcanti*, Relator. — *José Medeiros*. — *Hilton de Carvalho Briggs*. — *Corsíndio Monteiro da Silva*. — *Plínio de Carvalho Werneck*. — *Ladislau Go[illegible]*

[illegible]

DIÁRIO OFICIAL

Nº 54

DE: 19/3/68

SECRETARIAS DE ESTADO

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

GABINETE DO MINISTRO

DESPACHOS DO MINISTRO

Processo MJ 5.531-68 — Tôrres e Britto Produções de Cena Ltda., recorrendo do ato do Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal que impôs cortes no texto da peça teatral "Volta ao Lar".

A Companhia Teatral Tôrres e Britto Produções de Cena Ltda. [illegible] conformou-se com os cortes que o S. C. D. P. impôs à peça "Volta ao Lar" [illegible] Ministro de Estado [illegible] eliminação dêsses cortes porque os mesmos [illegible] quer artística quer materialmente [illegible] a [illegible]gem" da peça em São Paulo.

A peça foi liberada sem cortes pelo Certificado de Censura nº 080-GB, de 24-7-67, [illegible] validade por um ano, para exibição apenas no Estado da Guanabara, [illegible] permaneceu 4 meses em cartaz.

A referida Companhia Teatral solicitou novo Certificado de Censura ao S. C. D. P., o que lhe foi concedido sob o nº 26-68, em 26 de fevereiro último, com liberação para todo o território nacional [illegible] de 18 anos e com cêrca de 30 cortes de palavras ou [illegible]

Verifica-se, assim, que a peça teatral em causa [illegible] durante 4 meses, no Estado da Guanabara [illegible] nenhuma providência foi solicitada pela autoridade [illegible] na orientação [illegible] censura [illegible] DPF.

Agora, contudo, [illegible] peça teatral se impôs cortes, [illegible] levada em São Paulo [illegible] envolve evidente [illegible]

Analisando o processo não encontro motivos para manter o ato recorrido. No entanto dando acolhimento ao recurso, resolvo:

a) que a peça "Volta ao Lar" pode ser representada em todo o território nacional, sem cortes, mas proibida para menores de 21 anos;

b) que os produtores da peça e os seus artistas, com a responsabilidade e a sensibilidade que têm para com o público, deverão adaptar o texto, eles próprios, escoimando-se de têrmos ou expressões desnecessárias tendo sempre em vista, não desfigurar a intenção do autor. — *Luís Antônio da* [illegible]

Processo MJ 6.477-68 — Teatro do Autor Brasileiro, recorrendo do ato do Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal, que proibiu em todo o território nacional, a exibição da peça "O Comêço é Sempre Difícil, Cordélia Brasil, Vamos Tentar outra Vez". — *Despacho*:

1. O Teatro do Autor Brasileiro, [illegible] com a interdição da peça Teatral, "O Comêço é Sempre Difícil", Cordélia Brasil, Vamos Tentar [illegible] pelo Serviço de Censura e Diversões Públicas. Requer por isso, do Ministro da Justiça a reconsideração daquele ato, que impugna de ilegal, e a expedição do competente Certificado.

2. Convém assinalar, inicialmente, a estranheza de que, também neste como em outros processos provindos da classe de empresários teatrais os interessados reiteram o mesmo equívoco. Convenceram-se de que haveria prazo de 10 dias para o S. C. D. P. opinar, o qual estaria fixado no inciso V, da Portaria 11-67. Mas tal prazo vê-se claramente, apenas se refere ao empresário e não ao SCDP.

[illegible] prevê o prazo [illegible] cado nos depoimentos pelos empresários. [illegible] S. C. D. P. [illegible] legislação atual foi [illegible] um Grupo de Trabalho, com [illegible] deve [illegible]

[illegible] a censura teatral [illegible] ligada e adequada [illegible] em vigor, e [illegible] exibição depende da [illegible] liberação da autoridade pública, constitui, também imprevidência ou precipitação fixar-se a data de estréia quando ainda se ignora se a peça poderá ser encenada. Mais ainda: vender dois espetáculos antes de conhecer o resultado do pedido feito ao S. C. D. P. Ésse dêste procedimento podem decorrer danos, por êstes não há de responder, também, a autoridade.

6. Assim exposto e analisadas as demais fases do processo decido:

1º) Não é certo que o S. C. D. P. tenha ultrapassado prazos, como se queixa o requerente, e com isso, causando prejuízos os quais, se ocorreram, serão à conta de imprevisão ou risco de emprêsa.

2º) Procedem os fundamentos invocados pela decisão recorrida. Embora considere que só o conhecimento do espetáculo pode dar ao censor a medida exata da peça, no entanto, no caso dêste processo, a simples leitura do texto desaconselha sua encenação pública. Lamento assim resolver, mas nego provimento ao recurso.

Rio, 13 de março de 1968. — *Luís Antônio da Gama e Silva*.

Processo MJ 6.4[illegible]-68 — Sociedade Teatral Jovem, recorrendo do ato do Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal que proibiu a encenação em todo o Território Nacional da peça "Barrela".

1. [illegible] de Teatro Jovem inconformou-se com a interdição da peça Teatral, "Barrela", de autoria de Plínio Marcos pelo Serviço de Censura e Diversões Públicas. Requer, por isso, do Ministro da Justiça a reconsideração daquele ato, que impugna de ilegal, e a expedição do competente Certificado.

2. Convém assinalar, inicialmente, a estranheza de que também neste como em outros processos provindos da classe de empresários teatrais os interessados reiteram o mesmo equívoco. Convenceram-se de que haveria prazo de 10 dias para S. C. D. P. opinar, o qual estaria fixado no inciso V, da Portaria 11-67. Mas tal prazo vê-se claramente apenas se refere ao empresário e não ao S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0120, p 102/102

Partindo porém, desta sua enganada convicção e não obstante alheios às práticas da atividade que exploram, mas alheios às reiteradas observações quanto à isenção de prazo certo e legal, ao S. C. D. P. o direito vigente — os empresários, como o requerente parece que até se lançam a investimentos e compromissos. Ora a responsabilidade com tal imprevidência não pode ser depois creditada da autoridade, como no entanto o vem sendo, nos atuais sucessivos atritos entre empresários e censores, com inusitada reincidência e desnecessária repercussão pública.

Se, algumas vêzes há demora na decisão do órgão de censura, isto deve ser evitado e neste sentido tenho providenciado.

3. É certo que a legislação vigente necessita ser revista. Convém com urgência pô-la ao nível dos padrões atuais da cultura do surto do cinema brasileiro, da importância do nosso teatro e das necessidades complexas da radiodifusão. — Até que isso se faça entretanto, incumbe à autoridade a aplicação irrecusável da lei vigente, o que declaro publicamente, embora esteja procurando rever algumas medidas vigentes que têm sido causa de conflitos. Não prevê o prazo reiteradamente invocado nas denúncias pelos empresários.

4. Para rever a legislação atual foi instituído um Grupo de Trabalho, com ampla participação de todos os setores implicados no problema da censura. Até que seja, no entanto, deve ser aplicada a lei vigente.

5. Finalmente, se a censura teatral, nos têrmos das normas legais e regulamentares ainda em vigor, é feita previamente e a exibição depende da deliberação da autoridade pública, constitui também imprevidência ou precipitação fixar-se a data de estréia quando ainda se ignora se a peça poderá ser encenada. E se dêste procedimento podem decorrer danos, por êstes não há de responder, também, a autoridade.

6. Assim exposto e analisadas as demais fases do processo decido:

1º) Não é certo que o S. C. D. P. tenha ultrapassado prazos, como se queixa o requerente, e com isso, causado prejuízos, os quais se ocorreram, irão à conta de imprevisão ou risco da emprêsa.

2º) Procedem os fundamentos invocados pela decisão recorrida. Embora considere que só o conhecimento do espetáculo pode dar ao censor a medida exata da peça, no entanto, no caso dêste processo, a simples leitura do texto desaconselha sua encenação pública.

Lamento assim resolver, mas nego provimento ao recurso.

Rio, 13 de março de 1968. — *Luís Antônio da Gama e Silva.*

MINISTÉRIO DA MARINHA

DIÁRIO OFICIAL
Nº 54
DE: 19/3/68

...ata — Valbert Lisieux Medeiros de Figueiredo, visto haver sido dispensado das funções que exercia no Gabinete do Ministro da Marinha. — *Augusto Hamann Rademaker Grünewald.*

...ções abaixo especificadas com direito à percepção da gratificação pela representação de Gabinete declarada ao lado de seus nomes, os seguintes militares, a partir de 2 de março de 1968:

Auxiliar

1º SG-EF — Edivaldo ... — NCr$ 220,00.
3º SG-FN-MD — Jo... Costa — NCr$ 220,00.
3º SG-FN-IF — Fr... de Araujo — NCr$ 220,0...
3º SG-FN-IF — José ... Medeiros — NCr$ 220,0...

O Ministro de Estado ... Nº 735 — Cancelar, ... de março de 1968, a gr... representação de Gabin... pela Portaria nº 2.582, d... ro de 1967, ao 02-S... Edson Inácio Lima, vis... dispensado da função q... Gabinete do Ministro d...

PORTARIAS DE 8 D... DE 1968

O Ministro de Estado ... Nº ... — Nomear: ... Guerra — ... Geral. ... — Nomear ... Fragata — Alvaro Fab... exercer o cargo de ... NHi "Canopus".

SALÁRIO MÍNIMO 1967

DIVULGAÇÃO N.º 993

Preço: NCr$ 0,10

A VENDA:

Na Guanabara

Seção de Vendas: Avenida Rodrigues Alves nº 1

Agência: Ministério da Fazenda

Atende-se a pedidos pelo Serviço de Reembôlso Postal

Em Brasília

Na sede do D. I. N.